

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA GLEYCIANE BARBOSA DE SOUSA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS EX-JOGADORAS DE FUTEBOL DE PICOS:
Lazer, esporte e sociabilidade das mulheres picoenses nos anos 1980**

PICOS-PIAUI

2015

MARIA GLEYCIANE BARBOSA DE SOUSA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS EX-JOGADORAS DE FUTEBOL DE PICOS:
Lazer, esporte e cotidiano das mulheres picoenses nos anos 1980**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima

PICOS – PIAUÍ

2015

Ficha Catalográfica

S725h Sousa, Maria Gleyciane Barbosa de

História e memória das ex-jogadoras de futebol de Picos: lazer, esporte e sociabilidade das mulheres picoenses nos anos de 1980/ Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (76 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2016.

Orientador: Prof^a. Dra. Nilsângela Cardoso Lima

1. Futebol Feminino-Picos. 2.Futebol Feminino-História. 3.Mulheres-História-Picos. I. Título.

CDD 981.728

MARIA GLEYCIANE BARBOSA DE SOUSA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS EX-JOGADORAS DE FUTEBOL DE PICOS:
Lazer, esporte e cotidiano das mulheres picoenses nos anos 1980**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima

Aprovada em 30 / 06 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Nilsângela Cardoso Lima

Profa. Nilsângela Cardoso (Orientadora)
Doutora em Ciências da Comunicação/UNISINOS
Universidade Federal do Piauí

Marylu Alves de Oliveira

Profa. Marylu Alves de Oliveira
Mestre em História do Brasil/UFPI
Universidade Federal do Piauí

Mona Ayala Saraiva da Silveira

Profa. Mona Ayala Saraiva da Silveira
Mestre em História do Brasil/UFPI
Universidade Federal do Piauí

Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Profa. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (Suplente)
Mestre em História do Brasil/UFPI
Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa não poderia deixar de lembrar das pessoas que contribuíram de maneira significativa, não só para a conclusão deste trabalho, como também foram importantes durante todo o percurso percorrido até aqui.

Desta forma gostaria de primeiro agradecer a esta força divina que me deu forças durante todos esses anos para enfrentar as dificuldades encontradas durante toda essa caminhada, o meu Deus.

A meu pai e minha mãe por serem a base da minha vida, e terem confiado em mim, e me apoiado na decisão de sair de casa para ir atrás de um sonho.

A minhas irmãs de sangue Gleyciele e Gleyciara, e minhas irmãs de coração Joanice, Juliana, Elayne e Jany, por estarem sempre do meu lado, me apoiando em todos os momentos da minha vida.

A minha tia Cristina por ter me acolhido em sua casa, me tratando e considerando como uma filha durante esses cinco anos.

A minha afilhada Crislayne que todos os dias enche minha vida de alegria, mesmo quando passo pelos momentos mais difíceis.

A Adrielle Oliveira que contribuiu muito me ajudando a entrar em contato com as ex-jogadoras de futebol de Picos, onde pude encontrar as depoentes para a realização deste trabalho.

A cada uma das entrevistadas: Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, Rita de Cassia de Jesus Monteiro, Rosangela Santiago Almeida e Sebastiana Luzia de Oliveira. Sem a contribuição delas essa pesquisa não seria possível.

A minha orientadora Dr. Nilsângela Cardoso Lima, pela disposição em me ajudar com este trabalho, suas orientações foram imprescindíveis para conclusão deste trabalho.

A todos os professores que tive a honra de assistir suas aulas, todos contribuíram de alguma forma para que hoje eu pudesse estar realizando este trabalho. Em especial ao professor José Lins Duarte, que por meio de conversas fez aumentar em mim o desejo de pesquisar sobre o futebol feminino.

Por último e não menos importante a toda a turma do Paz e Amor: Stefany, Yago, Maria, Levy e Erik. Por estarem juntos comigo desde os primeiros períodos, mostrando que o que vale na vida são as amizades sinceras. Pela cumplicidade que

adquirimos durante esse percurso, onde aprendemos que um não precisa passar por cima do outro para conseguir nada, pelo contrário, devemos sempre estar disposto a ajudar o outro quando começam a surgir as dificuldades, para seguirmos juntos até o fim.

Os sujeitos construtores da História são, enfim, todos que anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem, no cotidiano de seus países e também na história da humanidade.

Lucília de Almeida Neves Delgado

RESUMO

O presente trabalho tem por interesse fazer um estudo sobre a participação das mulheres no futebol, na cidade de Picos, na década de 1980. Através da memória o pesquisador pode reconstruir a história dos sujeitos que foram negligenciados pelos documentos oficiais, sobretudo, daqueles que durante muito tempo foram relegados/marginalizados pela história tradicional. Desta forma, este trabalho se apropria dos métodos/técnicas da História Oral, não só para dar voz a um grupo de mulheres de Picos (PI), mas, especialmente, para construir a história do futebol feminino de Picos, nos anos 1980 através dos fragmentos de memórias das ex-jogadoras picoenses que foram entrevistadas e do uso do referencial teórico e bibliográfico que tratam sobre o tema. Entre os pesquisadores do futebol feminino destaca-se o historiador Fabio Franzini (2014), os trabalhos de Jorje Dorfman Knijnik (2006) e Silvana Vilodre Goellner (2005) contribuíram ao apontar as principais questões de gênero que envolvem o futebol raticado por mulheres. Foi também de grande importância os estudos de Joan Wallach Scott (1995) e J. Butler (2003) sobre as relações entre feminino e masculino. E ainda os estudos de Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória. O futebol que, de início, se tratava apenas de uma forma de lazer, com o tempo, se reconfigurou como uma prática esportiva de caráter profissional para as mulheres. Com o reconhecimento oficial da modalidade esportiva do futebol para o sexo feminino pelo Conselho Nacional de Desporto, nos anos 1980, isto acabou se transformando em um fator decisivo para a quebra de vários *tabus* relacionados à distinção entre papéis de gênero feminino e masculino. Nesse sentido, a presente monografia analisa a importância do futebol na vida das mulheres a partir da história de vida das ex-jogadoras de Picos, salientando que a esta modalidade esportiva esteve presente em vários momentos de sua história e de seu cotidiano, desde a infância quando começaram a praticar o futebol como uma forma de lazer, para logo depois tornarem jogadoras profissionais nos times da cidade de Picos dos anos 1980.

Palavras-chave: História das mulheres; Memória; Futebol feminino; Picos-PI

ABSTRACT

This work has the interest to do a study on women's participation in football in the city of Picos, in the 1980s. Through memory researcher can reconstruct the history of the subjects that have been neglected by official documents, especially those that have long been relegated marginalized by traditional history. Thus, this work appropriates the methods techniques of oral history, not only to give voice to a group of women Picos (PI), but especially to build the history of women's football spikes in the 1980s through the fragments of memories of former players who were interviewed people from Pico and use of theoretical and bibliographic references that deal with the subject. Among the women's football researchers highlight the historian Fabio Franzini (2014). Work the Jorje Dorfman Knijnik (2006) and Silvana Vilodre Goellner (2005) They contributed to point out the main issues of gender involving football raticado women. It was also very important that studies of Joan Wallach Scott (1995) and J. Butler (2003) on the relationship between male and female. Yet studies of Maurice Halbwachs (2006) on the memory. The football that at first it was just a form of leisure, with time, if reconfigured as a professional character of sports activities for women. With the official recognition of sport football sport for females by the National Council of Sports in the 1980s, this turned out to be a decisive factor for breaking various taboos related to the distinction between male and female gender roles. In this sense, this thesis analyzes the importance of football in women's lives from the life story of former players peaks, noting that this sport was present at various times in their history and their daily lives, from childhood when they started practicing football as a form of recreation, soon after becoming professional players in the Peaks of city teams 1980s.

Keywords: History of women; Memory; Women's Football; Picos-PI

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Capa da revista <i>Placar</i> . Edição de 13 de julho 1984	25
Figura 02: Matéria “Futebol feminino: As mulheres atacam”. Revista <i>Placar</i> , edição de setembro de 1981 (p. 32)	27
Figura 03: Partida disputada pela equipe feminina do <i>Internacional x Botafogo</i> no Estádio Helvídio Nunes, em 1985	38
Figura 04: Ata do <i>Sport Club Internacional</i> de 21 de setembro de 1982 (p. 2)	47
Figura 05: Equipe feminina do <i>Sport Club Internacional</i> de Picos, em 1983	49
Figura 06: Ata do <i>Sport Club Internacional</i> de 24 de janeiro de 1986 - página 3 ...	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MULHERES NOS CAMPOS DE FUTEBOL: QUEBRA DE <i>TABUS</i> E AMPLIAÇÃO DE SUA PRESENÇA NO ESPAÇO PÚBLICO MEDIANTE A PRÁTICA DO ESPORTE PROFISSIONAL.....	17
2.1	Entre o espaço privado e o público: o ingresso das mulheres nos campos de futebol.....	17
2.2	Futebol feminino no Brasil, uma abordagem historiográfica.....	20
2.3	Futebol no Piauí e na cidade de Picos (PI).....	30
3	FUTEBOL (TAMBÉM) É COISA DE MULHER.....	33
3.1	Esporte ou lazer? O momento em que essas práticas de confundem.....	33
3.2	Despertar para um sonho: surgimento do futebol feminino em Picos-PI.....	36
3.3	De casa para os campos: o ingresso das mulheres nas equipes de futebol feminino de Picos.....	38
3.4	Internacional e Bota Fogo: a concretização da equipe de futebol feminino em Picos.....	45
4	FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE ASCENSÃO SOCIAL FEMININA....	55
4.1	Sob olhares repressivos, elas construíam sua história e a do futebol feminino em Picos.....	55
4.2	Ampliando horizontes: o futebol como base da conquista da liberdade feminina.....	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

O paradigma da história tradicional e/ou positivista relegou para a margem os sujeitos que não ocupavam função política nas sociedades. Munindo-se da documentação oficial para o estudo dos fatos, os historiadores dessa corrente visavam apenas reconstruir o passado levando em conta datas e personagens históricos de grande importância pública. Por este motivo, a figura da mulher foi negligenciada frente aos grandes acontecimentos e às figuras da História, logo estava atrelada a vida privada, ou seja, ao lar, cabendo à figura masculina podia ter a participação efetiva na vida pública. A distinção construída historicamente e culturalmente pela sociedade entre feminino e masculino foi capaz de excluir, reprimir e sobrepor um gênero em relação ao outro. Por este motivo, durante muito tempo as mulheres foram excluídas da história, em especial, porque não assumiam funções públicas tais como os homens. Cabia às mulheres as funções ligadas ao espaço privado: sua casa, seu lar. De acordo com Tedeschi (2012),

a primeira dificuldade que o historiador precisa enfrentar, quando se dedica ao estudo da história das mulheres, decorre do que se pode denominar de “natureza masculina” ou androcentrismo da História, que tem levado ao ocultamento do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade (TEDESCHI, 2012, p. 136-137).

De acordo com Rachel Soihet (1997), as mulheres só vieram a se tornar sujeitos históricos, no século XX, com o surgimento da História Cultural que passou a se preocupar com as identidades coletivas. Com isso, pluralizaram-se os objetos de investigação histórica, assim como se diversificou as fontes de pesquisa utilizadas pelos historiadores para a (re)construção do passado.

A partir da leitura sobre a história da história das mulheres e dos estudos de gênero, no Brasil, é que foi se delineando o objeto de pesquisa proposto nesta monografia. Apesar disso, considerou-se que a importância de estudar a participação feminina no esporte futebol, desde quando a mulher se insere neste espaço até o momento em que consegue se firmar dentro do esporte, viu-se que só os aportes teóricos ligados à história das mulheres e de gênero não seriam suficientes. Pretendia-se não apenas construir uma história das mulheres no futebol, por isso foi ampliado os objetivos da pesquisa à medida que a metodologia da História Oral foi empregada

para o registro da memória dos próprios sujeitos. Sendo assim, o objetivo deste estudo monográfico tem por interesse reconstruir a história e memória das ex-jogadoras de futebol da cidade de Picos, nos anos 1980, enfocando as transformações que o esporte promoveu em suas vidas a partir do momento que as mulheres começaram a praticá-lo, seja como uma forma de lazer, seja profissionalmente.

A escolha do tema de pesquisa também se deu por uma escolha particular da pesquisadora com o esporte futebol. A proximidade com as informações sobre o futebol de Picos contribuiu para que surgisse a necessidade de realizar uma pesquisa sobre o futebol. Tal desejo ganhava importância quando se notava a ausência de trabalhos acadêmicos sobre o futebol no Piauí, tanto o masculino quanto o feminino, ainda mais sabendo que a *Sociedade Esportiva Picoense* está, atualmente, entre as melhores equipes de futebol feminino do Piauí. A partir daí, elaborou-se a proposta temática sobre a história e memória das ex-jogadoras de futebol de Picos, compreendendo que por meio do esporte as mulheres desfrutavam do espaço público e abria novas possibilidades de sociabilidade através do lazer ou de sua entrada nos campos de futebol como jogadoras profissionais.

O recorte temporal definido para a pesquisa se justifica porque é na década de 1980 que é fundada, em Picos, a primeira equipe feminina de futebol, a saber: *Sport Club Internacional* surgiu no dia 21 de setembro de 1982. Sendo assim, foram realizadas entrevistas com algumas das ex-jogadoras de futebol de Picos, sujeitos históricos que deram o pontapé inicial para a prática do esporte de forma profissional pelas mulheres picoenses. Ainda num período em que os papéis tradicionais femininos estavam relacionados ao espaço do lar e as mulheres eram educadas desde crianças para a vivência do casamento e serem boas donas de casa. Entretanto, esse grupo de mulheres encontrou na prática do futebol sua principal atividade de lazer, “fugindo” das brincadeiras de meninas de sua época.

A participação das mulheres no futebol é marcada por uma trajetória de lutas e conquistas. No Brasil, as primeiras partidas de futebol feminino aconteceram no início do século XX. Durante sua trajetória no Brasil, as mulheres tiveram que enfrentar vários obstáculos. Além do preconceito social em relação à participação das mulheres nesta modalidade esportiva, por muito tempo, as jogadoras de futebol não desfrutavam do reconhecimento legal da prática. Só depois da Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto que determinaria as normas básicas para a prática do futebol feminino, no Brasil, foi que as jogadoras passaram a gozar do direito de

competir oficialmente com outras equipes de modo profissional. As mulheres foram aos poucos conquistando seu espaço dentro e fora dos campos de futebol, apesar do preconceito e das dificuldades impostas a sua prática. Mesmo não aprovando a participação das mulheres, as entidades futebolísticas se viram pressionadas a “engolir” a presença feminina dentro dos campos de futebol. Essas mulheres, mesmo que a passos lentos, estavam conseguindo subverter uma ordem pré-estabelecida, quebrando barreiras que separavam o espaço demarcado para o masculino e o feminino.

Para tanto, foi necessário lançar mão de um referencial teórico e bibliográfico. Para entender a relação dessas mulheres com o futebol, foi necessário compreender as relações desenvolvidas entre as mulheres e o esporte desde seu surgimento enquanto prática feminina. Entre os autores que pesquisam sobre o futebol feminino, destaca-se o historiador Fábio Franzini (2014) que pesquisa sobre a história do futebol feminino no Brasil e no mundo. O artigo intitulado *Futebol é “coisa para macho”?* *Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*, de sua autoria, foi de grande relevância para a realização desta pesquisa por possibilitar a ampliação do leque de discussão sobre o futebol aqui também no Piauí.

Uma das questões que envolvem a prática do futebol pelas mulheres está relacionada à discussão de gênero. A par disso, foi selecionado o trabalho de doutoramento de Jorge Dorfman Knijnik (2006), que é pesquisador na área de Educação Física e Psicologia Social. Em sua tese, de título *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*, o autor aponta que a questão do gênero dentro do futebol faz parte de um processo cultural. A autora Silvana Vilodre Goellner (2005), também pesquisadora na área de Educação Física, propõe uma discussão de gênero pensando o esporte no Brasil. Estes autores compartilham da ideia de que a questão de gênero que envolve as relações nos esportes, principalmente no futebol, trata-se de uma construção cultural, atribuída as condições e distinções entre os gêneros feminino e masculino. Por isso, se explica as dificuldades de aceitação da sociedade pela prática do futebol pelos sujeitos do sexo feminino por considerarem que a entrada das mulheres nesta modalidade esportiva transgrediria a “ordem natural” dos papéis sociais destinado para elas, visto que o futebol simbolizava um espaço eminentemente do gênero masculino. Além da questão biológica por definirem a mulher como um “sexo frágil”, havia também a inversão de papéis. Goellner (2005) aponta que a entrada das mulheres no futebol causava a transgressão da ordem

estabelecida historicamente sobre este espaço, em contrapartida, o masculino passava a perder o total domínio que tinha construído sobre o futebol.

Para compreender as relações entre feminino e masculino considera-se importante os estudos de gênero. Joan Wallach Scott (1995) afirma que as desigualdades de gênero entre homens e mulheres fazem parte de uma ideia que foi socialmente construída, de maneira que contribui para o entendimento de que há papéis diferentes e hierarquizados para essas duas categorias. Para a historiadora norte-americana, a questão do gênero deve ser entendida pelos pesquisadores como uma categoria útil para análise. Nesta mesma linha de pensamento, J. Butler (2003) também compreende a questão do gênero como uma construção histórica cultural e não natural, que faz parte de um processo histórico.

Desta forma este estudo terá como principal fonte de pesquisa as fontes orais, onde a memória das ex-jogadoras de futebol de Picos foi importante para a reconstrução do passado recente. Para isso, utilizamos o método/técnica da História Oral, nos orientando pelos autores Sonia Maria de Freitas (2006) e Lucília de Almeida Neves Delgado (2006). Estes autores contribuíram de forma significativa para a compreensão acerca do uso da memória como fonte de conhecimento histórico, dando possibilidade a valorização das experiências de sujeitos, dos grupos e suas trajetórias. Com esse intuito foram realizadas quatro entrevistas, do tipo temática mesclada a de história de vida, com as ex-jogadoras que fizeram parte da primeira equipe de futebol feminino de Picos, o *Sport Club Internacional*. São elas: Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, Rita de Cassia de Jesus Monteiro, Rosangela Santiago Almeida e Sebastiana Luzia de Oliveira. Além das fontes orais, foi necessário utilizar como fontes de pesquisa alguns livros de esporte e educação física, assim como periódicos e matérias esportivas.

Considerando que a História Oral tem como suporte as lembranças e põe em evidência a memória coletiva, faz-se necessário a compreensão do conceito de memória. Os primeiros estudos sobre a memória destacavam apenas seu caráter individual porque levavam em conta apenas as vivências pessoais de determinada pessoa. Entretanto, a partir dos estudos de Maurice Halbwachs (2006), compreende-se que um dos aspectos mais importantes acerca da memória é o seu caráter social. Neste sentido, a memória, nesta monografia, é entendida como individual e coletiva.

A monografia foi estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no*

espaço público mediante a prática do esporte profissional é feita uma abordagem historiográfica discorrendo sobre a história do futebol feminino, no Brasil e no mundo. Com isso, o capítulo foi organizado em três tópicos: “Entre o espaço privado e o público: o ingresso das mulheres nos campos de futebol”, “Futebol feminino no Brasil: uma abordagem historiográfica”, e “Futebol no Piauí e na cidade de Picos (PI)”. De modo geral, pretende-se apresentar a discussão existente na bibliografia consultada sobre a trajetória do futebol, em especial no Brasil e no Piauí, a fim de compreender o desenvolvimento do futebol feminino ao longo do tempo até seu reconhecimento pela sociedade e pelas entidades competentes.

O segundo capítulo, *Futebol (também) é coisa de mulher* é o mais complexo. Nele procurou-se discorrer sobre o início do futebol feminino em Picos, analisando a prática do futebol pelas mulheres como forma de lazer e, posteriormente, a reconfiguração desta prática como um esporte profissional; apresentar individualmente as quatro entrevistadas para conhecer sua trajetória de vida antes de chegar ao futebol; e, por último, discorrer sobre o surgimento da equipe feminina de futebol *Sport Club Internacional* a qual as ex-jogadoras entrevistadas fizeram parte, nos anos 1980, analisando a afirmação do futebol profissional feminino com o surgimento de outras equipes nos bairros de Picos e o aumento de competições entre elas. Respectivamente, tais assuntos são abordados ao longo dos três tópicos que compõem este capítulo, sendo eles: “Esporte ou lazer? O momento em que essas práticas se confundem”, “Despertar para um sonho: surgimento do futebol feminino em Picos-PI”, “De casa para os campos: o ingresso das mulheres nas equipes de futebol feminino de Picos” e “Sport Club Internacional e *Bota Fogo*: a concretização da equipe de futebol feminino em Picos”.

Finalmente, o terceiro capítulo, de título *Futebol como instrumento de ascensão social feminina*, foi reservado para analisar como o processo de profissionalização do futebol feminino, em Picos, a partir da história e memória das ex-jogadoras, tais ideias foram organizadas no tópico “Sob olhares repreensivos, elas construíam sua história e a do futebol feminino em Picos”. Já no segundo tópico “Ampliando horizontes: o futebol como base da conquista da liberdade feminina”, pretende-se compreender até que ponto a prática do futebol por essas mulheres contribuiu para certa autonomia dessas mulheres.

Nesta perspectiva, os três capítulos buscam dar conta do que se propõe no título desta monografia, a saber: *História e memória das ex-jogadoras de futebol de Picos: Lazer, esporte e sociabilidades das mulheres picoenses nos anos 1980.*

2 MULHERES NOS CAMPOS DE FUTEBOL: QUEBRA DE TABUS E AMPLIAÇÃO DE SUA PRESENÇA NO ESPAÇO PÚBLICO MEDIANTE A PRÁTICA DO ESPORTE PROFISSIONAL

A representação do futebol no Brasil vai além do pressuposto de um mero esporte, pois se configura como um dos principais aspectos culturais do país. Dada à importância que o esporte alcançou no país, neste primeiro capítulo pretende-se fazer uma abordagem acerca do futebol, enfatizando a participação feminina nesta modalidade esportiva. Sendo assim, será considerada como se deu as primeiras participações de mulheres no futebol no mundo e no Brasil, ainda num período em que este esporte era visto como uma prática exclusiva para o sexo masculino.

Embora seja difícil estabelecer aqui o período exato de quando o futebol feminino iniciou no Piauí, devido à quase inexistência de fontes que abordam o tema, considerou importante apresentar sua trajetória a partir da história do futebol. Contudo, buscamos analisar o contexto do futebol masculino no Piauí e também em Picos, a fim de compreender a entrada das mulheres picoenses no futebol e a formação de equipes profissionais nos anos 1980.

2.1 Entre o espaço privado e o público: o ingresso das mulheres nos campos de futebol

Durante muito tempo a história das mulheres foi marcada por um grande silêncio historiográfico (ECOTEN; CORSETTI, 2010). Reservada ao espaço privado do lar, as mulheres não eram contempladas pelos estudos historiográficos tradicionais que tinha apenas interesse pelas questões políticas e pelos grandes feitos. Com isso, as mulheres ficaram à margem da história porque não assumiam papéis relevantes na sociedade e no espaço público, visto como um espaço de atuação masculina.

Somente a partir de 1929, com a Escola dos Annales e as mudanças dos paradigmas da história, foi que diversos aspectos da vida social foram introduzidos nos estudos da história. Os estudos historiográficos não eram mais produzidos apenas sobre a política, mas também sobre temas voltados para estudos das mentalidades e

do cotidiano. Importante ressaltar que interdisciplinaridade para o campo da História e a pulverização de temas contribuiu para que os pesquisadores lançassem mão de outras fontes que não apenas os documentos oficiais.

Foi a partir da segunda metade do século XX que a história das mulheres ganhou força no espaço acadêmico. Isto contribuiu para a entrada das mulheres como sujeitos da história, diminuindo as lacunas existentes na historiografia. Nesse intuito, avaliou-se como importante historicizar a entrada das mulheres ao campo de futebol na condição de jogadoras, lugar antes restrito apenas para homens.

Nos anos 1896 as mulheres ficaram de fora dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna¹, exclusivamente pela sua condição feminina. A participação das mulheres nessa competição só foi permitida a partir dos anos 1900. Jorge Dorfman Knijnik (2006) aponta que as primeiras mulheres no mundo que puderam participar dos Jogos Olímpicos eram, obrigatoriamente, submetidas a uma vistoria para garantir que eram de fato do sexo feminino. Na sua tese intitulada *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*, o autor ainda explica que as mulheres eram coagidas a desfilar despidas para uma Comissão Analisadora, a qual as avaliaria para comprovar o sexo feminino. Nota-se que desde o início a presença feminina em atividades esportivas não foi bem aceita, principalmente em relação ao futebol que era marcado historicamente como um espaço eminentemente masculino, onde o homem afirmava sua masculinidade e exibia todo o potencial de seu corpo.

Apesar de o campo de futebol ter sido culturalmente caracterizado como um lugar para pessoas do sexo masculino, este fato não impediu por completo que as mulheres também se interessassem em praticar o esporte. Infelizmente, existem pouquíssimas fontes que abordam sobre as primeiras participações de mulheres no futebol, porém não são inexistentes.

Os autores que se propuseram a estudar sobre o tema não são unânimes sobre o período em que as mulheres começaram a praticar o futebol no mundo e no Brasil. Na obra intitulada *As relações entre lazer, futebol e gênero*, Moura (2003) apresenta algumas datas que marcariam o surgimento dos primeiros jogos de futebol disputados

¹ Os Jogos Olímpicos da Era Moderna se iniciaram oficialmente em 6 de abril de 1896, em Atenas, na Grécia. O renascimento dos Antigos Jogos Olímpicos na Era Moderna, foi uma iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, que optou por seguir a antiga tradição de manter os jogos abertos apenas a participação masculina.

entre equipes femininas na Europa e aponta as discordâncias existentes nesse contexto:

Quando tomamos como base os dados da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettle Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettle, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como da primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. Segundo Murray (2000), a febre futebolística tomou conta do público feminino e, com isso, já em 1902, houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal futebol. Na França, os primeiros clubes femininos surgiram por volta de 1910 (MOURA, 2003, p.8).

Como podemos perceber os dados a respeito da primeira partida de futebol feminino no mundo são incertos. As fontes que tratam do tema são contraditórias e não chegam a um consenso sobre a data do primeiro jogo de futebol feminino. Contudo, pode-se afirmar que, no final do século XIX, as mulheres já estavam se familiarizando com os campos de futebol. De acordo com Moura (2003), no século XIX este esporte teria se popularizado entre as mulheres a ponto de ter sua prática proibida, o que nos leva a pensar o quanto foi rápida a assimilação deste esporte pelas mulheres.

Segundo Fábio Franzini (2005), no final da década de 1910 e início dos anos 1920 o futebol feminino alcançou um grande sucesso na Europa. Na Inglaterra, por exemplo, o esporte atingiu uma grande popularidade durante o período da Primeira Guerra Mundial, quando surgiu a necessidade dos homens deixarem os campos de futebol pelos campos de batalha. Nesta época as mulheres tiveram necessariamente que assumir papéis que eram predominantemente masculinos. Movidas pela necessidade, essas mulheres formaram equipes de futebol para promover jogos beneficentes e arrecadar fundos para os soldados que lutavam na guerra. Contudo, em 1918, ao chegar ao fim da guerra com a volta dos soldados, os papéis sociais tradicionais femininos foram restaurados e a prática do futebol pelas mulheres acabou entrando em choque com os interesses masculinos. Desta forma, as mulheres se viram obrigadas a retomar seus lugares nas arquibancadas e, novamente, sua rotina cotidiana presa ao espaço doméstico.

2.2 Futebol feminino no Brasil: uma abordagem historiográfica

O futebol não é uma “invenção brasileira”, mas ele é diretamente relacionado ao Brasil quando se tratar da cultura nacional. Isto foi e é historicamente construído através de vários discursos (jornalístico, literário, musical etc.), de modo que a frase “Brasil, o país do futebol” tornou-se comum e se firmou como um *slogan* caracterizador da identidade nacional, assim como o samba. Legados do Estado Novo de Getúlio Vargas e do seu projeto de construção de uma identidade nacional que permanecem na sociedade brasileira reforçando a imagem da seleção brasileira de futebol a fim de alimentar o sentimento de orgulho de ser brasileiro. A cultura futebolística no Brasil é tão complexa que ainda na atualidade é possível perceber a estranheza causada em algumas pessoas quando se escuta de alguém a afirmação de que alguém não gosta de futebol. Esta estranheza é ainda maior quando esta afirmação é dita por um homem, da mesma forma que para alguns ainda causa espanto o fato de uma mulher praticar ou mesmo sentir prazer em assistir uma partida de futebol. Tais elementos presentes em nossa cultura são marcantes, até porque por muito tempo o futebol foi vista como um esporte para homem e não para mulher.

É notável o fato de que o futebol masculino sempre foi motivo de orgulho para o país e sua história é sempre muito exaltada, como também a história dos grandes heróis do futebol. Mas, e quanto à participação das mulheres no futebol? Suas histórias de vida e conquistas que vão muito além dos gramados? Na verdade, existem muitas lacunas na própria história das mulheres e no que se refere à trajetória das mulheres no futebol essa realidade não muito diferente. Como afirma Thompson (1992), a falta de fontes que abordam sobre a História das Mulheres está relacionada ao fato de, até certa época, a literatura ter sido dominada pela figura masculina, sendo que estes indivíduos não demonstravam interesse em estudar a história das mulheres, já que não participavam efetivamente da vida pública. O que estava relacionado ao privado não tinha espaço dentro da história, pois esta estava voltada para grandes acontecimentos e os grandes heróis da história.

Meio à grande predominância de homens no futebol, as mulheres passaram, através do tempo, a conquistar seu espaço dentro dos campos. O futebol feminino possui uma trajetória histórica no Brasil que merece ser estudada, embora não se pesquise muito sobre este tema. Moura (2003) aborda que as informações sobre o

início do futebol feminino no território brasileiro, da mesma forma que no mundo, possuem algumas nuances. Contudo, ao que se consta, geralmente, nas fontes de pesquisas que tratam sobre o assunto é que esta prática teria chegado ao Brasil por volta de 1913, e já em 1940 alguns jornais reconheciam a existência de equipes femininas no território brasileiro. Conforme Moura (2003):

No Brasil, temos, como data da primeira partida de futebol feminino, o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembenses e Cantareirenses. No entanto, esta data contradiz as informações de José Sebastião Witter, apud Franzini (2000: 51): '[...] no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo' (MOURA, 2003, p. 8-9).

Como percebemos no trecho acima, é difícil afirmar ao certo a data da primeira partida de futebol feminino no Brasil, o que se dá devido à pequena quantidade de fontes e mesmo as contradições existentes nelas. Embora não se saiba uma data exata, é evidente que esta prática já vem sendo desenvolvida pelas mulheres no Brasil há bastante tempo e trata-se de uma trajetória marcada de lutas e conquistas.

A relação das mulheres com o futebol, no Brasil, teve início com a sua participação na condição de torcedoras “comportadas” e “recatadas” nas arquibancadas dos estádios. Segundo os autores Fabio Pinto Gonçalves dos Reis (2011) e Ivan Eduardo de Abreu Arruda (2011), somente a partir do momento em que o futebol masculino deixou de ser praticado pelos jovens da elite e passou a aderir jogadores de classes populares, foi que este perfil das mulheres como torcedoras se modificou. Reis e Arruda (2011), no seu artigo intitulado *Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos*, apontam que havia uma diferenciação entre as mulheres pertencentes à elite daquelas oriundas das camadas populares. As mulheres tratadas como de “boa família” dizia respeito às mulheres da elite, que iam aos estádios prestigiar seus filhos ou irmãos, enquanto que as “outras mulheres” referiam-se as mulheres das classes populares que não eram tão recatadas quanto as primeiras. Sendo assim, Reis e Arruda (2011) explicam que a participação das moças de “boa família” nos estádios foi paulatinamente sendo substituída pelo “outro tipo de mulher” que passa a assumir seus lugares.

O início da prática do futebol feminino no Brasil ocorreu de forma contrária ao que aconteceu no masculino. Segundo Reis e Arruda (2011), as primeiras mulheres a

praticar esse esporte não foram as moças da elite, mas um grupo de mulheres das classes mais baixas. Não se tem uma data exata de quando o futebol feminino teria se iniciado, mas é certo que entre 1913 a 1940, cada vez mais as mulheres deixavam as arquibancadas para se aventurar dentro dos campos de futebol como jogadoras.

Um dos fatos marcantes na história do futebol feminino, no Brasil, ocorreu por volta de 1940 com a publicação de um anúncio em um jornal carioca. A publicação no jornal dizia respeito a uma convocação feita pela equipe feminina de futebol *Primavera Futebol Club* para selecionar moças entre 15 (quinze) e 25 (vinte e cinco) anos para compor sua equipe feminina de futebol. O anúncio deixou alguns leitores do jornal chocados, já que não era algo comum na época e ainda menos aceito pela sociedade. A repercussão do anúncio da existência de vagas para mulheres para compor uma equipe de futebol feminino fez com que algumas pessoas “tomassem partido” contrário à causa, sobretudo alguns jornalistas e desportistas brasileiros. Essa reprovação por parte da sociedade ganhou vulto, de maneira que José Fuzeira escreve uma carta ao Presidente da República, à época Getúlio Vargas, solicitando “a sua atenção para a calamidade que estava para acontecer com a juventude feminina brasileira” (REIS; ARRUDA, 2011, p. 3). Este ato tomou grandes proporções e chamou a atenção de diversos setores da população brasileira, de modo que a carta passa do gabinete da presidência para a divisão de Educação Física do Ministério da Saúde, até chegar a subdivisão de Medicina Especializada. A partir de então, foi elaborado uma espécie de laudo médico para assegurar a proibição da prática do futebol pelas mulheres. No laudo, a questão biológica era bastante exaltada no discurso médico.

A possibilidade de as mulheres ingressarem numa prática esportiva vista como própria para homens contribuiu para que fosse retomado o discurso médico que lhe atribuía a condição de “sexo frágil”, assim como o reforço do discurso de que a mulher deveria ser resguardada para sua função primordial que seria a maternidade. De acordo com Franzini (2005), o discurso que previa a restrição das mulheres no esporte se baseava na ideia de que: “é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero)” (FRANZINI, 2005, p. 6). Tal discurso médico que pretendia a proibição do ingresso das mulheres no futebol tendo como justificativa o conhecimento científico com ênfase no caráter biológico do corpo feminino, também

pode ser observado em determinados fragmentos da carta José Fuzeira e que foi enviada a Getúlio Vargas, em 1940, onde dizia:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe [...] (FRANZINI, 2005, p. 5).

Para Franzini (2005), este discurso de preocupação com o bem-estar das mulheres brasileiras estava impregnado de um forte “machismo” e “moralismo”, numa tentativa de encobrir a real preocupação das entidades do futebol, que era o temor da subversão de papéis (feminino e masculino) que estava sendo disseminado por essas jovens que se aventuravam nos campos de futebol. Havia também a preocupação dos homens em relação a invasão do seu espaço, já que historicamente se configurava em um espaço excepcionalmente masculino. Desta forma, a entrada da mulher em campo como jogadora significava a quebra do domínio que os homens possuíam sobre o futebol. Segundo Goellner (2005) a dificuldade masculina de aceitação da participação feminina em espaços como o futebol estava também relacionado ao fato de que, ao obter sucesso nestas práticas, as mulheres infringiriam as leis da natureza, pois, ao mostrarem ser mais fortes do que se era esperado, seria desestruturado o discurso das diferenças naturais, o qual era baseado na superioridade física de um sexo sobre outro.

Os discursos de reprovação da participação de mulheres em alguns esportes ganharam força com o discurso médico, de modo que após a reprovação da sociedade e, principalmente, das entidades de futebol, esta prática acabou sendo proibida por lei. Os autores Reis e Arruda (2011, p. 4) esclarecem que “no ano de 1965, o CND² regulamentou instruções para as entidades desportivas do país através da Deliberação nº. 07/65, proibindo a prática entre as mulheres do futebol, futebol de salão, futebol de praia, entre outros esportes”. O autor Franzini (2005) reitera que a participação das mulheres no futebol era vista pela sociedade da época como um desvio de conduta, o que era inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira por considerarem que, ao adentrarem o espaço do futebol, iriam se abrir novas possibilidades para as mulheres além do espaço doméstico ao qual estavam

² Conselho Nacional do Desporto

socialmente atreladas. Apesar disso, a deliberação teria durado até o ano de 1979, sendo revogada pelo próprio CND que reconsiderou sua decisão liberando definitivamente a prática desses esportes para mulheres.

A liberação do futebol feminino no Brasil pelo CND veio junto com a formulação de um Estatuto específico liberando a prática deste esporte pelas mulheres. Moura (2003) pontua algumas das regras que foram estabelecidas pelo Estatuto da CND e que foram elaboradas especificamente para a prática do futebol feminino:

O Conselho Nacional de Desportos (CND), como vimos, regulamentou a prática do futebol feminino no país e, ao mesmo tempo, normatizou sua prática. Redigiu um regulamento específico para o futebol praticado pelas mulheres, no qual não poderiam usar chuteiras de travas metálicas; campo teria dimensões menores com relação aos dos homens (90mX64m, no máximo); seriam divididas em duas categorias (juvenil e adulta). Colocada suas especificações aos "moldes da natureza feminina", o interessante vem com a regulamentação referente ao ritual final do jogo: a troca de camisas após as partidas está proibida (MOURA, 2003, p. 56).

As especificidades no regulamento redigido pelo CND reafirmam a ideia de inferioridade do sexo feminino, ao apontar diretrizes que moldariam o futebol à natureza do gênero feminino. Conforme o regulamento, as mulheres não teriam capacidade, ou condições físicas, de praticar o futebol nos mesmos parâmetros que os homens praticavam, por isso foi diminuído tempo das partidas e a dimensão do campo. Sobre o ritual de trocas de camisas ao fim das partidas, além do moralismo social, este ato foi proibido devido às imagens das jogadoras de futebol de outros países e que já circulavam no Brasil através da imprensa, sendo que nestas imagens era exaltada a sensualidade feminina. O ritual de troca de camisas era um dos momentos mais esperados pelo público masculino. Por isto, havia o receio/temor de que o futebol feminino viesse a vulgarizar e macular a imagem das mulheres, em virtude da exposição e exploração da sensualidade feminina durante e após as partidas nos campos de futebol, tanto pelos torcedores quanto pela imprensa especialmente.

O futebol feminino no Brasil, vez ou outra, ganhava visibilidade na imprensa por meio das reportagens esportivas. Aqui no Brasil não era diferente do que já se via em outros países, a imagem da jogadora de futebol veiculada pela imprensa destacava a sua sensualidade e sua feminilidade exaltada. Em 13 de julho de 1984, a edição da revista *Placar* destacou o futebol feminino e a jogadora Vandira, volante do time

Pinheiros do Paraná, foi capa da revista. A imagem estampada na capa da revista *Placar*, na figura 1 logo abaixo, evidencia com nitidez a exposição da sensualidade feminina pelos veículos de comunicação dos anos 1980.

Figura 1: Capa da revista *Placar*. Edição de 13 de julho 1984.



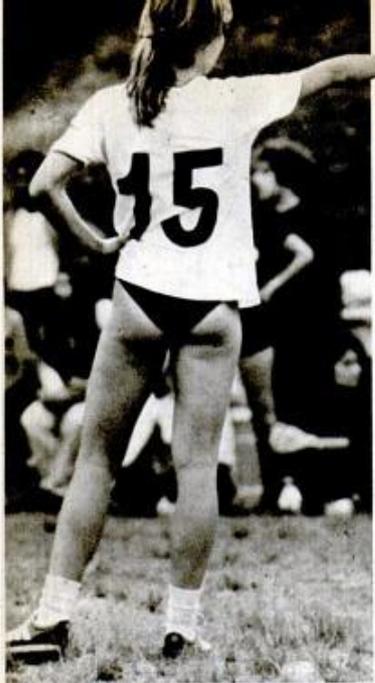
Fonte: Revista *Placar*/1984.

Como é possível perceber, meio a todo o contexto que envolve a prática do futebol pelas mulheres e com crescimento de equipes femininas no Brasil, nos anos 1980, a imagem das jogadoras que era veiculada na imprensa acabava deixando esses aspectos num segundo plano para dar visibilidade à sensualidade feminina, que não correspondia diretamente ao propósito da maioria das mulheres que praticavam o futebol naquele período. Nesta edição da revista *Placar*, de 13 de julho de 1984, as matérias sobre o futebol feminino recebiam títulos bem sugestivos como, por exemplo, “O charme vai à campo” e enfocava as musas do futebol da época. Pode-se inferir que a exposição da sensualidade e da feminilidade da mulher pela imprensa deixava claro o olhar machista sobre o futebol feminino que era entendido mais como uma atração para o público masculino do que uma prática profissional de esporte; pois, mesmo que se considerasse que a construção do discurso jornalístico quebrava com a visão médica de que o futebol masculinizava o corpo feminino, há indícios nesta fonte de pesquisa de que este não era um dos intuitos da redação da revista *Placar*, como será abordado mais a frente ao analisar a edição desta revista de setembro de 1981.

A liberação do futebol feminino pelo CND, em si, não influenciou muito na prática desse esporte, visto que serviu apenas para autorizar as mulheres a praticarem algo que elas já faziam, mesmo estando proibidas por lei. É importante ressaltar que o CND havia apenas liberado a prática do futebol pelas mulheres, porém, ainda não considerava oficialmente o futebol feminino como um esporte, deixando esta prática oculta na história do futebol brasileiro por um longo período de tempo.

Em outra matéria publicada na revista *Placar* da edição de setembro de 1981, já com a prática liberada, percebemos que o olhar dos homens sobre o futebol feminino não havia evoluído. Embora a reportagem fale sobre a provável oficialização do esporte, é possível perceber que a imagem da mulher no futebol que é exibida na reportagem trata-se de uma mulher expondo sua sensualidade e não praticando o futebol.

Figura 2: Matéria "Futebol feminino: As mulheres atacam". Revista *Placar*, edição de setembro de 1981 (p. 32).



Futebol feminino Na Europa, crescem as

AS MULHERES ATACAM

Futebol feminino não tem graça e ainda masculiniza a mulher. Apesar dessas críticas, no Brasil como no exterior as moças continuam a bater sua bolinha, certas de que mais um tabu está prestes a cair



Pressionada por dirigentes de várias federações nacionais, a poderosa UEFA (União Européia de Futebol) está cada dia mais próxima de uma histórica decisão: reconhecer oficialmente o futebol feminino, cuja popularidade cresce na Europa com espantosa rapidez. Uma vez adotada pela UEFA, é bastante provável que a medida seja imitada também pela FIFA — e, neste caso, com reflexos imediatos no Brasil. Afinal, como informa o general César Montagna, presidente do Conselho Nacional de Desportos, "a prática do futebol feminino, hoje proibida, será liberada automaticamente a partir do momento em que a FIFA assim determinar e a CBF nos comunicar".

A liberação — por ora restrita ao nebuloso terreno das especulações — está longe de encerrar a polêmica sobre a conveniência ou não de se oficializar e estimular o futebol feminino na terra do futebol. Ao contrário, só serve para acirrar ainda mais os debates. O comentarista João Saldanha, por exemplo, é taxativo:

— Sou contra, porque acaba se transformando num esporte híbrido: não tem

nem a graça feminina, nem a virilidade masculina que caracteriza o futebol.

O general Montagna — cuja filha, Noêmia, semanalmente bate sua bolinha no Week-End Club, em Teresópolis (RJ) — concorda com Saldanha, esgrimindo argumentos ainda mais fortes.

Palhinha propõe: fora com as pernas-de-pau

— A qualidade do espetáculo é sempre baixa: elas são duras de cintura.

Mas o ponta-de-lança Palhinha tem uma solução para o problema — de resto, aplicável a qualquer time de marmanjos:

— É só não escalar as pernas-de-pau. Aí você vai ver se dá ou não dá jogo bom.

O centroavante Reinaldo confessa que ele mesmo iria a um campo para ver "um jogo de mulheres" — mas essa é uma visão liberal demais para os padrões conservadores do zagueiro do Bangu, Moisés, que decreta:

— Mulher que se preza não fica correndo atrás da bola, tem outros afazeres mais importantes e atraentes.

Rução, chefe da Folgada, torcida organizada do Botafogo, vai além:

— Mulher não nasceu pra isso. Fica uma coisa horrível, sem graça. Além disso, já pensou depois do jogo a gente ter que abraçar mocinhas cheias de músculos? Pra mim, mulher tem que ser feminina — não deveria jogar nem voleibol,

FALA, LEITOR!

PLACAR quer que você também participe desta discussão. Responda às duas perguntas abaixo, destaque o cupom e o endereço para Rua do Curtume, 635, caixa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

Você é a favor do futebol feminino?

SIM NÃO

Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?

SIM NÃO

Nome

sexo idade

32 **PLACAR**

Material com direitos autorais.

Ao analisar a matéria acima, surgiu um questionamento em torno da escolha da foto pela revista *Placar*: porque usar uma foto da jogadora parada em campo e não em momento de disputa de bola com outra jogadora representando a movimentação delas em jogo? Considerando que a produção do discurso jornalístico não é parcial em sua totalidade e que, ao mesmo tempo, em que busca dar visibilidade a determinados aspectos de um acontecimento também silencia outros, nota-se que a imagem explorada na matéria comunga diretamente ao conteúdo abordado ao longo do texto escrito que pretende apresentar o futebol feminino como um esporte “sem graça”. A transcrição dos comentários de João Saldanha (comentarista) e de Moisés (zagueiro do *Bangu*) mostra claramente a sua posição contrária a continuidade das mulheres nos campos de futebol como jogadoras. A matéria acima evidencia o “conservadorismo” e o “machismo” em relação à entrada das mulheres no futebol, até porque sua participação no esporte era interpretada como quebra dos *tabus* que uma parcela da sociedade ainda tinha interesse em manter intactos.

Assim, pode-se afirmar que a imagem da mulher praticando o esporte ou “correndo atrás da bola”, como também poderia ser publicado pela revista *Placar*, é negligenciada, silenciada, atendendo aos interesses daquele que produz o discurso. Com isso, observa-se que preferia explorar a sensualidade da jogadora de futebol a construir a imagem de uma “mulher guerreira” que ao adentrar ao campo, igualmente, quebrava *tabus* e desfrutava do espaço público culturalmente marcado como masculino.

Ainda que, em 1982, o futebol feminino fosse legalizado, ele não era reconhecido como esporte. Nesta época, se travava uma luta junto às entidades do futebol como, por exemplo, a FIFA, para que fosse oficializado e legitimado. Como podemos perceber na matéria da revista *Placar* de setembro de 1981, havia uma preocupação acerca da oficialização do futebol feminino, por considerarem que a liberação oficial representaria um estímulo para que, cada vez mais, as mulheres se aventurassem no esporte. As opiniões sobre a prática deste esporte pelas mulheres estavam divididas. Aqueles que se apresentaram contrários à entrada das mulheres no futebol tinham opiniões nitidamente preconceituosas, reafirmando que o lugar da mulher era fora dos campos, ou seja, dentro de casa como dona do lar. Esse comportamento demonstra que, apesar de o Brasil ser reconhecido como o “país do futebol”, o desejo das entidades esportivas era de manter as mulheres longe dos gramados.

As obras que tratam sobre o surgimento do futebol no Brasil, e no mundo, caracterizam-no como um esporte eminentemente masculino e, por este motivo, o futebol feminino durante algum tempo foi oficialmente proibido por lei. O preconceito em relação à participação das mulheres no futebol profissional se explica devido o esporte ser entendido como uma prática sociocultural que possui uma ordem de valores. Assim, a entrada de mulheres nos campos de futebol como jogadoras, de certa forma, subverteu os valores e a “ordem” sociocultural pré-estabelecida, despertando reações que enfocam discussões em torno papéis sociais a serem desempenhados de acordo com cada um dos gêneros, masculino e feminino, e que até hoje estão presentes nas sociedades.

O direito conquistado pelas mulheres de praticar esportes deve ser visto como um momento de quebra de *tabus* e barreiras sociais e morais, a qual, acima de tudo, atribuía a superioridade de um gênero sobre o outro. No esporte, a inferioridade do sexo feminino era exaltada através de discursos, médicos e jornalísticos, que ressaltavam que elas não eram sequer capazes de praticar esportes devido a sua condição de mulher. Somente com a Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto é que oficialmente há o reconhecimento do interesse das mulheres pela modalidade e serve de instrumento para determinar as normas básicas para a prática do futebol feminino no Brasil, a saber:

Somente em 11 de abril de 1983 as mulheres conseguem a legalização da prática do futebol. Através do Diário Oficial da União se publica a Deliberação nº 01/83 do CND, que dispõe sobre as normas básicas para a prática do futebol feminino. Nessa deliberação, o CND reconhece o crescente interesse das mulheres pela modalidade, não apenas no Brasil como em todo o mundo, e resolve: Art. 1º “O futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional”. Entretanto, o fato de não haver respaldo legal para o futebol feminino não é indicador da inexistência de sua prática, durante esse período (BRASIL, 1983) (ARAÚJO, 2014).

Não obstante, a Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto reconhecendo o futebol feminino como esporte foi uma das grandes conquistas para as mulheres que pretendiam se tornar jogadoras de futebol e competir profissionalmente em campos de futebol com outras equipes em jogos oficiais, tais quais aconteciam com os jogadores do sexo masculino.

2.3 Futebol no Piauí e na cidade de Picos (PI)

Como já foi dito, o futebol é entendido como um símbolo da cultura nacional brasileira. Ao passo em que o futebol foi se popularizando no Brasil, não demorou muito para chegar ao Piauí e se tornar uma modalidade esportiva profissional no início do século XX. O primeiro time de futebol profissional do Piauí, segundo Luzifrank Júnior Sousa (2011), surgiu em Parnaíba, o *Parnahyba Sport Club*, sendo fundado no dia 01 de maio de 1913. Contudo, o futebol piauiense veio ser reconhecido de fato, com a construção do Estádio Alberto Tavares Silva, o Albertão³, e ascensão do time piauiense de Teresina, a *Sociedade Esportiva Tiradentes*.

O futebol no Piauí foi bastante valorizado na década de 1970, João Paulo Mendes (2014) aponta que este fato se deu pela apropriação do futebol pelo poder político da época, como um instrumento de fins eleitorais. A construção do Estádio Albertão, nesta época, teria sido um meio utilizado pelo então governador do Estado do Piauí, Alberto Tavares Silva, com o intuito de divulgar o esporte no Piauí, assim como mostrar para o Brasil que o Piauí também estava em processo de modernização. Era uma forma de o Estado do Piauí ganhar visibilidade no país e também a simpatia dos piauienses.

De acordo com os pesquisadores Nina Nunes Rodrigues Cunha, Tabata Michelle Santos Magalhães e Gustavo Fortes Said (2010), outro fator que mais colaborou para o sucesso do futebol piauiense foi a grande contribuição da imprensa local, principalmente as equipes de radiojornalismo esportivo. O rádio funcionou como o maior meio de divulgação do futebol no Piauí, já que a TV ainda era restrita a uma pequena parcela da população do Estado. A *Sociedade Esportiva Tiradentes* chegou a participar algumas vezes do campeonato brasileiro, trazendo visibilidade do futebol piauiense para todo o Brasil e para o mundo. A ascensão do futebol por meio da *Sociedade Esportiva Tiradentes* atraiu a atenção dos torcedores piauienses, de maneira que suas participações no Campeonato Brasileiro fez com que times de grande renome nacional viessem a jogar no Estádio Albertão, em Teresina. Desta

³ O Estádio Alberto Tavares Silva, foi construído pelo governador Alberto Tavares Silva, na cidade de Teresina, capital do Piauí. Inaugurado em 1973, o Estádio ficou popularmente conhecido com o nome de Albertão devido a magnitude da obra arquitetônica, para a época, e pela capacidade de receber até sessenta mil torcedores quando foi inaugurado.

forma, os torcedores passaram a frequentar mais os estádios de futebol para prestigiar o *Tiradentes* e as equipes visitantes.

Mas, quanto ao futebol feminino? Quando as mulheres começaram a adentrar os campos de futebol no Piauí? Na verdade, pouco se sabe a respeito. A ausência de estudiosos que pesquisam sobre esse tema, no Piauí, deixa ainda mais evidente a necessidade de preencher essa lacuna existente na história das mulheres, pois não se trata apenas de esporte, mas das histórias de vida dos sujeitos que, por meio do esporte futebol, produziram uma nova categoria de análise do gênero feminino.

As informações mais concretas que se têm a respeito das primeiras partidas de futebol disputadas por mulheres no Piauí, são os dados presentes nas matérias sobre a “Copa Batom”, que é uma tradicional competição de futebol feminino que acontece na cidade de Teresina desde 1988 até os dias de hoje. De acordo com as informações publicadas no *site* da Prefeitura de Teresina sobre a “Copa batom”, neste ano de 2015, a competição completará sua XXVII edição⁴. Vale ressaltar que a “Copa Batom” que acontece, em Teresina, desde 1988 e há quase trinta anos realizadas competições de futebol entre times femininos do Piauí, porém, quase nada se sabe de sua trajetória.

No século XX, o futebol foi se disseminando por todo o país e foi ganhando a admiração da população piauiense. Em Picos-PI, o primeiro time de futebol que representou a cidade foi a *Sociedade Esportiva de Picos* (SEP), formado no ano de 1976, ainda como uma equipe amadora. Segundo Sousa (2011), a ideia de montar uma equipe que representasse a cidade de Picos surgiu em uma roda de amigos, onde, posteriormente, foi marcada uma reunião e a partir daí foi montada a primeira diretoria da SEP. Os fundadores do SEP conseguiram formar uma “boa equipe” composta por jogadores já conhecidos na cidade, em virtude da habilidade que eles tinham com a bola no futebol.

No primeiro ano de fundação, em 1976, a *Sociedade Esportiva de Picos* conquistou o título do “Campeonato Picoense”, o que deu uma grande visibilidade ao time. A equipe do SEP se destacou a tal ponto dos outros times que dirigentes de outras equipes ameaçaram barrar a sua participação nos campeonatos locais. Com a repercussão que a equipe alcançou depois de várias vitórias, ainda em 1976, foram tomadas as devidas providências para a profissionalização do SEP. No ano seguinte, em 1977, o SEP participou do “Campeonato Piauiense” obtendo a 5ª colocação. A

⁴ SAMEL dá início a Copa Batom. Disponível em: <http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Semel-da-inicio-a-Copa-Batom-2015/6126>. Acesso em: 02 maio 2014.

partir daí, a equipe foi se fortalecendo cada vez mais e no ano de 1998 o SEP conquistava o 1º Lugar, pela quarta vez, no “Campeonato Piauiense”. Com o primeiro lugar no “Campeonato Piauiense”, a *Sociedade Esportiva de Picos* conquistou uma vaga na “Copa do Brasil”, chegando a enfrentar grandes equipes como o *Fluminense* e *Vasco da Gama* do Rio de Janeiro.

O cenário do futebol, em Picos, no fim da década de 1980 não era muito diferente do que se percebia em Teresina nos anos 1970. A equipe que representava a cidade de Picos, a SEP, foi apropriada pelo então prefeito José Nery como um forte instrumento político⁵. Nesta época, o futebol prevalecia como cultura política na cidade e funcionava, ainda, como uma espécie de escudo que amenizava a repercussão negativa e as irregularidades na administração do Prefeito de Picos. De acordo com Mendes (2014), nos anos 1980, a cidade estava em êxtase com as ótimas campanhas desempenhadas pela SEP, o Estádio Helvídio Nunes ficava lotado em dias de jogo, enquanto a cidade sofria com a crise gerada pela má administração.

Paralelo a grande popularização da *Sociedade Esportiva de Picos* e mesmo com a crise sofrida pela cidade nos anos 1980, surge aos poucos e quase que despercebidamente a inserção das mulheres picoenses na modalidade esportiva do futebol, assunto abordado no próximo capítulo.

⁵ Sobre o assunto, ver: MENDES, José Paulo. **Urubus x SEP (Sociedade Esportiva de Picos):** as relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. 2014. 65p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

3 FUTEBOL (TAMBÉM) É COISA DE MULHER

O futebol como espaço sociocultural é compreendido de uma forma bastante complexa, as relações que podem ser desenvolvidas a partir deste esporte são diversas. Neste capítulo buscamos discutir o futebol enquanto esporte e lazer, abordando momentos em que essas duas práticas se confundiam e passavam a se distanciar. Sobre esse distanciamento o futebol passa a se configurar essencialmente como esporte assumindo uma postura profissional, com a concretização da equipe feminina no Sport Clube Internacional. Neste sentido procuramos ressaltar as figuras femininas responsáveis por esse processo de surgimento e ascensão do futebol feminino e Picos-PI, apresentado cada uma individualmente para compreendermos suas trajetórias até o futebol, e como essa prática esportiva acabou modificando seu cotidiano.

3.1 Esporte ou lazer? O momento em que essas práticas se confundem

Ao trabalharmos com o conceito de memória fica bastante evidente toda a sua complexidade. Entre os autores que se propõem a definir o que é a memória nota-se que não há consenso sobre o próprio conceito. Ciente disto, nesta monografia a memória será entendida como individual e coletiva, na perspectiva de Halbwachs (1968) e Pollack (1992). A memória de um indivíduo diz respeito a sua história, trajetória de vida, seus sonhos e conquistas. Ao abordar acerca da memória, Pollak (1992) fala sobre a construção da memória individual e memória coletiva. A memória coletiva, segundo este autor, “são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (POLLAK, 1992, p. 201).

Neste sentido, pela memória coletiva das ex-jogadoras, as práticas de esporte e de lazer aparecem diretamente relacionadas e, por vezes, se confundem. Para as entrevistadas, o esporte foi a principal forma de lazer durante sua juventude, mesmo tomando maiores dimensões como, por exemplo, a formação das equipes, o futebol nunca deixou de ser visto como um meio de diversão e forma de sociabilidade.

Cabe aqui se pensar quais seriam as formas de lazer da juventude picoense na década de 1980. Ao voltarmos um pouco no nosso recorte temporal, é possível perceber as práticas de lazer da juventude picoense já na década de 1960 pela análise da pesquisadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2011). Ao abordar sobre as práticas de lazer, a pesquisadora indica que os principais pontos/locais de sociabilidade da cidade nos anos 1960 eram: a Praça Felix Pacheco, a Igreja Matriz, o Cinema Spark, a rádio, os clubes sociais e os cabarés. Nesses locais, acontecia a socialização entre diferentes grupos sociais da juventude picoense. Como a maioria destes espaços de sociabilidade localizava-se no centro da cidade, isto facilitava o acesso para os moradores do centro e bairros mais próximos. Os jovens picoenses que residiam em bairros mais afastados, como o bairro Junco, por exemplo, tinham uma maior dificuldade para ter acesso a esses meios, principalmente os jovens de famílias menos abastadas.

Ao serem questionadas sobre as formas de lazer e sociabilidade durante sua juventude, em um primeiro momento não surge na memória das entrevistadas referências às atividades acima mencionadas. Porém, em uma segunda entrevista voltada especificamente para esse tema, algumas recordaram que durante sua juventude também chegaram a vivenciar os badalados espaços de sociabilidade do centro da cidade de Picos dos anos 1960. Na década de 1980, um deles apresentava sinais de decadência, o Cine Spark. Bezerra (2013) relata que:

Com a chegada de novas tecnologias, o cine acabou perdendo espaço para o conforto encontrado no lar, pois o espectador agora poderia assistir em casa as programações televisivas e ainda a filmes que estavam sendo produzidos, especialmente, para serem exibidos através da televisão (BEZERRA, 2013, p. 76).

Nos anos 1980, o Cine Spark passava por dificuldades, pois além de perder espaço para a televisão, necessitava de uma reforma em sua estrutura e o público já não estava satisfeito com a programação de filmes exibidos. Desta forma, o Cine Spark acabou fechando suas portas. Embora muitas mulheres tenham frequentado espaços de lazer como a Praça Felix Pacheco e o Cinema Spark, essas práticas eram um tanto restritas para esse grupo (OLIVEIRA, 2011).

Ao serem questionadas sobre as formas de lazer que existiam no centro da cidade, as ex-jogadoras recordaram que usufruíram com certa regularidade dos espaços de sociabilidade disponíveis no centro de Picos, inclusive chegaram a

frequentar o cinema. Porém, a visita ao centro não era mais frequente devido à dificuldade de acesso. O trajeto até o centro era feito com o uso de bicicletas, a não ser quando seus pais juntavam a família para um passeio e utilizavam um carro.

De acordo com Eclea Bosi (1994), “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p.144). Considerando o caráter seletivo da memória, a autora ainda ressalta que alguns acontecimentos acabam ficando esquecidos na memória dos próprios indivíduos que o vivenciaram e explica que não é que as sensações se enfraqueçam, mas o interesse que se desloca. Com isso, entende-se que ao enfocarem suas lembranças na nostalgia do futebol, as ex-jogadoras acabam fazendo uma seleção das memórias que estão relacionadas aos sentimentos ligados ao futebol.

As práticas de lazer e sociabilidade mencionadas constantemente por elas são, em maior parte, relacionadas a esportes, a saber: vôlei, futebol de campo, futebol de salão, atletismo, nadar no rio e algumas brincadeiras infantis. Com isso, percebe-se que era bastante forte a ligação entre as atividades de lazer e de esporte praticados por essas mulheres, embora tenha se dado em uma época em que os esportes eram mais praticados por homens, enquanto as mulheres se dedicavam a outras práticas ditas como mais “adequadas” ao seu gênero.

Na segunda metade do século XX, as opções de lazer na cidade de Picos eram poucas, o que acabou contribuindo para que homens e mulheres “construíssem/inventassem” seus próprios espaços para diversão e sociabilidade. Como os meios de diversão eram constantemente relacionados a práticas esportivas, entende-se que os esportes e principalmente o futebol, acabaram se configurando como sua principal forma de lazer e sociabilidade. Deste modo, a relação entre lazer e esporte ficou bastante estreita ao ponto de, na memória dessas mulheres, essas duas práticas se confundirem numa só. Ou seja, através dos fragmentos de memória das entrevistas, observa-se que não há uma diferença clara entre o lazer e o esporte no período em que elas praticavam o futebol nas ruas e em campos improvisados. Essa diferença só começou a ser marcada a partir do momento em que se formaram as equipes de futebol feminino e da organização de torneios.

3.2 Despertar para um sonho: surgimento do futebol feminino em Picos-PI

A paixão pelos esportes era tão grande que muitas mulheres que jogavam futebol apenas como uma forma de lazer já almejava se profissionalizar. De modo que ao iniciar as atividades no futebol perceberam que poderiam ir além de uma brincadeira, era possível competir como uma verdadeira equipe de futebol.

De acordo com os relatos de algumas das primeiras mulheres que adentraram aos campos de futebol em Picos, esta prática teria se iniciado na cidade no ano de 1982. Além da paixão por esportes, foram inspiradas também pelo fato de que, neste mesmo ano, se realizava mais uma “Copa do mundo”, marca do tempo em que o patriotismo brasileiro se fazia mais presente, como aponta José Paulo Mendes (2014):

Em tempos de copa do mundo, o Brasil é tomado por uma onda de patriotismo tão grande, que talvez até mesmo pessoas que nem sabem o que é um tiro de meta, ou o nome dos jogadores que fazem parte do time, se vestem a rigor, munidos de uniforme e bandeira, para torcerem pela seleção brasileira [...] (MENDES, 2014, p.16).

O patriotismo marcado pela Copa do Mundo, durante o ano de 1982, foi além do imaginário feminino sobre o futebol. Nesta época, foi dado um passo importante na vida de algumas mulheres picoenses que praticavam o esporte, na medida em que elas deixaram de ocupar uma posição apenas de expectadoras e passaram a se aventurar no futebol que, naquele momento, era sensação no Brasil.

Por meio dos depoimentos de algumas das ex-jogadoras pode-se perceber que algumas delas já possuíam certa relação com o futebol antes mesmo da “euforia” da Copa do Mundo de 1982. Isso devido à influência de irmãos e tios que praticavam o esporte, sobretudo, porque algumas mulheres sempre acompanhavam os parentes aos estádios/campos para prestigiar seus times durante as partidas.

Além da efervescência do futebol dos anos 1980, outro fator que contribuiu significativamente para o ingresso das mulheres picoenses na prática do futebol foi a leitura de uma matéria publicada na *Revista Placar* na qual abordava sobre algumas equipes femininas de futebol do Recife e Rio Grande do Sul, onde o futebol feminino já começava a tomar maiores proporções e reconhecimento.

A entrevistada Rita de Cássia de Jesus Monteiro (2014), que foi uma das leitoras da reportagem da *Revista Placar*, afirma que o conteúdo da matéria, de certa forma, acabou despertando o desejo de praticar futebol não apenas como lazer, mas

profissionalmente, assim como as mulheres referidas na reportagem. Por meio da leitura da matéria da revista, elas se deram conta de que o futebol profissional não era restrito apenas a homens, que mulheres também poderiam praticá-lo e formar suas equipes técnicas se assim desejassem. E foi o que de fato aconteceu.

Não demorou muito para que as mulheres iniciassem suas atividades no futebol de forma profissional. Já no ano de 1982 ocorreram os primeiros jogos entre equipes de futebol feminino em Picos. O primeiro jogo foi disputado por dois times, cada um representando suas ruas, a saber: o *Time da Rua Leitão* e o *Time do Posto*, que posteriormente se tornaram as equipes do *Bota Fogo* e *Sport Club Internacional*. Rita de Cassia de Jesus Monteiro (2014), em entrevista, descreve como ocorreu o primeiro jogo de futebol disputado pelas equipes femininas de Picos:

[...] A gente foi e marcou um jogo, rua contra rua [risos]. Eram as meninas lá do *Posto* e as meninas da *Rua Leitão*, aí, foi o primeiro jogo. Era bagunça! Todo mundo em cima de uma bola. Era uma alegria. Uma coisa assim interessante, eu me lembro. [...] Aí, colocava sete contra sete num espaço minúsculo. Nem cabiam essas sete, naquela época era só minicampo. Aí, onde tava [sic.] a bola, tava [sic.] todo mundo [risos]. Aí, virou rivalidade com esse time, o *Bota Fogo da Rua Leitão* e o *Internacional* (MONTEIRO, Picos, 2014).

Inicialmente, os treinos e os jogos eram realizados em alguns campos improvisados, visto que eram construídos dentro de “terrenos abertos” no bairro Junco. Posteriormente, conforme o futebol feminino foi ganhando maiores proporções com o aumento do número de jogos com times de outras cidades, os organizadores do “torneio” conseguiram autorização para realizá-lo em alguns campos de futebol já estruturados, tais como: Campos Avançados⁶, campos do 3º BEC, e até mesmo chegaram a realizar algumas partidas no Estádio Helvídio Nunes, tanto partidas contra times de cidade vizinhas, como em abertura de campeonato masculino, como podemos observar na imagem abaixo.

⁶ De acordo com as entrevistadas, o “Campos Avançados” seria o nome dado a um campo de futebol que fazia parte do Projeto RONDON, que proporcionava aos jovens picoenses o contato com várias atividades esportivas.

Figura 3: Partida disputada pela equipe feminina do *Internacional* x *Botafogo* no Estádio Helvídio Nunes, em 1985.



Fonte: Arquivo pessoal de Rita de Cassia de Jesus Ferreira Monteiro.

Os times femininos eram algo novo para a cidade. Como tudo que é novo desperta interesse, e até mesmo curiosidade, da sociedade, os jogos femininos acabaram atraindo um público para os campos de futebol e, de certa forma, proporcionou a formação de grupos de torcedores específicos para cada time. Algumas equipes femininas eram convidadas para participar de eventos esportivos apenas para fazer a abertura de campeonatos masculinos, porém, a participação delas era considerada apenas como um tipo de atração, como recordam as entrevistadas. Ou seja, os convites para participar de eventos se davam mais pelo fato de ser algo novo e atrair a atenção, não eram ainda reconhecidas como equipes femininas de futebol, apenas como mulheres jogando bola.

3.3 De casa para os campos: o ingresso das mulheres nas equipes de futebol feminino de Picos

Recorre-nos a pensar quem seriam essas mulheres capazes de organizar um time feminino, montando toda uma estrutura de organização, mesmo quando o próprio

futebol feminino não era reconhecido oficialmente no Brasil. Pois bem, as mulheres que deram início a prática de futebol, em Picos, residiam no bairro Junco, onde foi formada a primeira equipe feminina da cidade, o *Sport Club Internacional*⁷, em 1982. Eram jovens com idade média entre 14 (quatorze) a 17 (dezesete) anos, todas ainda cursando do ensino fundamental ao médio. Através das informações contidas nos relatos das ex-jogadoras entrevistadas foi possível perceber que a maioria dessas jovens vieram de famílias humildes, vindas do interior em busca de melhores condições de vida.

A primeira entrevistada, a Sra. Maria do Carmo de Jesus Ferreira Monteiro, conhecida como Cassandra, filha da Sra. Rosa e Sr. Valdemir, nasceu em Monsenhor Hipólito e veio para Picos em 1977, após a morte de sua mãe, onde desde então seu pai exerce a profissão de barbeiro. Em sua narrativa, Maria do Carmo Monteiro se orgulha de ter sido uma aluna bastante aplicada durante a infância e juventude, se formou em escola pública e depois de passar vinte e dois anos afastada da escola, após o casamento ela retomou os estudos e se formou no ensino superior.

Maria do Carmo Monteiro foi a primeira a ler a reportagem sobre futebol feminino da *Revista Placar*, e a partir de então chamou suas amigas para se “aventurarem” no futebol. Ao ser indagada sobre o assunto, ela explica: “[...] eu comecei, juntei as meninas, no começo era só duas, três, brincando, aí, as outras foram se interessando e formamos um time” (MONTEIRO, Picos, 2014). O entusiasmo da Maria do Carmo Monteiro pelo futebol acabou contagiando muitas mulheres no Bairro Junco, em pouco, tempo já tinham jogadoras suficientes para montar uma equipe.

Começando a praticar futebol aos 15 anos de idade, Maria do Carmo Monteiro foi uma das fundadoras do time *Sport Club Internacional*, em 1982. Além de jogar no time, exerceu ainda a função de secretária da equipe de futebol feminino.

De acordo com Maria do Carmo Monteiro, a sua relação com o futebol desde o início foi bem aceita por sua família. Com o passar do tempo e à medida que o futebol feminino foi ganhando características profissionais, a visão das famílias sobre participação das mulheres no futebol também mudou um pouco, como recorda a entrevistada: “Meu pai num [sic] se importou muito não, depois começou: ‘Ah, que isso

⁷ Criado em 1982, o Sport Club Internacional foi o primeiro time de futebol feminino de Picos.

é coisa de homem!’ Aí, começou a querer proibir, mas não dava jeito” (MONTEIRO, Picos, 2014).

Contudo, nem sempre era fácil para uma mulher praticar futebol nos anos 1980, em Picos. Maria do Carmo Monteiro, por exemplo, em seu relato afirma que em dois momentos teve que parar de praticar futebol. O primeiro impedimento veio logo depois que ela se casou. Assim como Maria do Carmo Monteiro, grande parte das mulheres que jogavam no seu time também se afastou do futebol após o casamento. Por conta disso, o time *Sport Club Internacional* foi à bancarrota, com isso algumas das jogadoras que ainda restavam na equipe se afastaram do futebol, somente depois de alguns anos, com a chegada de novas jogadoras, a Rita de Cassia volta praticar futebol em uma nova equipe, ou seja, no *Time da Ipueiras*. Contudo acabou se afastando mais uma vez do futebol devido à algumas lesões sofridas durante os jogos e como não foram devidamente tratadas, acabou a impossibilitando de voltar ao futebol.

Nossa segunda entrevistada a Sra. Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, nasceu em Picos no ano de 1959, filha do Sr. José Salustino Oliveira e D. Luzia Joana de Oliveira. Seus pais moravam no interior e sobreviviam do trabalho na roça. No ano de 1958, a família de Adalicia Luzia Ribeiro decidiu se mudar para Picos em busca de melhores condições de vida. Já em Picos, seu pai passou a trabalhar em construções, tornando-se mestre de obras.

Os fragmentos de memória de Adalicia Luzia Ribeiro compõem um quadro de sua história de vida. A entrevistada relembra desde sua infância e informa que este período foi marcado por um sentido de liberdade, pois era um tempo em que as crianças podiam brincar nas ruas sem se preocupar com a violência que existe atualmente. Esse momento de sua vida é repleto de lembranças felizes, de brincadeiras e muita diversão. Contudo, foi na sua juventude que ela teve os primeiros contatos com os esportes. Inicialmente, fez parte de uma equipe feminina de vôlei antes de praticar o futebol.

A relação de Adalicia Luzia Ribeiro com o futebol começou quando passou a assistir jogos pela TV. Segundo a entrevistada, ao ver as partidas de futebol percebia que era um esporte “particularmente masculino”, mas que despertava nela algum sentimento e o desejo de poder praticar esse esporte. Junto com suas amigas fez parte do grupo fundador do *Sport Club Internacional*, no qual ocupou a função de

tesoureira. Tornou-se a primeira goleira do time, iniciando suas atividades no futebol aos 17 anos de idade. Tinha ainda total apoio da família:

Terminava o jogo nós estávamos na casa da minha mãe porque era bem espaçosa. Minha mãe era amiga de todas e continua sendo amiga das que moram aqui ainda. Meu pai também nunca falou nada. Meus irmãos, que eram muitos, eles eram os torcedores do time. A minha mãe também era torcedora, meu pai também era torcedor. Então, minha família era torcedora do *Internacional*. (RIBEIRO, Picos, 2014)

No período em que praticava futebol, durante a década de 1980, Adalicia Luiza Ribeiro começou a trabalhar como professora, o que não interferiu na relação dela com o esporte. Ao contrário, como afirma a entrevistada, acabou facilitando em alguns aspectos, sendo que ao trabalhar podia contribuir financeiramente com recursos para atender algumas necessidades do time. Continuou jogando no *Internacional* durante um ano depois do casamento, e só tomou a decisão de encerrar sua carreira no futebol após ter uma filha e estar fazendo um curso fora da cidade, o que acabava tomando muito do seu tempo. No entanto, durante o primeiro ano de casamento, Adalicia Luzia Ribeiro continuou praticando futebol, contudo, após esse tempo decidiu abandonar o esporte para se dedicar mais à família, ao trabalho e estudo. Neste sentido, Adalicia Luiza Ribeiro revela: “[...] aí, você acaba cedendo porque você não tem o apoio da sociedade. Você acaba ficando com aquilo que você sabe que vai durar pro [sic.] resto da vida, ou pelo menos você acha que vai durar pelo resto da vida que é o casamento e o trabalho” (RIBEIRO, Picos, 2014). Assim como várias mulheres que jogaram na sua época, fez a escolha pela família e acabou deixando para trás o futebol.

A terceira ex-jogadora a ser entrevistada foi Rosângela Santiago de Almeida, nasceu no ano de 1969, em Serrucorá-R. Mudou-se para Picos com sua família, em 1970, quando tinha apenas um ano de idade. O motivo de sua ida para Picos se devia ao fato de que seu pai era funcionário público do exército e, na época, foi convidado a fazer parte do 3º BEC, onde realizava a função de perfurador de poços artesianos.

Em seu relato, Rosângela Almeida fala com saudade de sua época de infância:

[...] a minha infância foi boa. Eu me lembro da minha infância, muita coisa eu lembro, as brincadeiras eram outras, diferentes. Aquela época não existia celular, não tinha computador, a gente brincava mais de roda, pique-esconde. Era uma infância boa, uma infância sadia

como tem que ser hoje em dia, com inocência, a gente acreditava em bicho papão (risos) (ALMEIDA, Picos, 2014).

Rosângela Almeida relembra que gostava sempre de estar junto com as meninas maiores, e quando viu que elas estavam praticando futebol quis estar no meio delas. E, assim, quando completou 12 (doze) anos de idade começou a jogar no *Sport Club Internacional*, atuando como lateral esquerda do time. Na época em que começou a praticar futebol estava cursando o ginásio, assim como a maioria das mulheres que jogavam no time *Sport Club Internacional*.

Sobre o período em que jogou futebol na década de 1980, Rosângela Almeida fala sobre as dificuldades que encontravam para praticarem o futebol, como, por exemplo, a questão do preconceito em relação à mulher e recorda que chegaram a ser ofendidas por pessoas que as atribuíam o nome de “macho-fêmeas⁸”. Este fato não era apenas por serem mulheres praticando o futebol, mas também por estarem em período de formação do corpo e cogitava-se que a prática deste esporte as deixavam com o corpo “masculinizado” (ombros largos, pernas musculosas), explica Rosângela Almeida. Em relação à sua família, afirma que teve o apoio do pai e da mãe para praticar futebol; apenas seus irmãos, no início, não aprovavam a ideia. Contudo, com o passar do tempo, eles se tornaram seus principais incentivadores.

Para Rosângela Santiago, o futebol foi de grande importância para melhor formação do corpo, considerando que a qualidade de vida que desfruta atualmente se deve ao período em que praticou o esporte. Além disto, ela ainda aponta que por meio do futebol conseguiram quebrar preconceitos dentro da sociedade em que viviam, provaram que era possível que mulheres praticassem o futebol e o fizessem tão bem quanto os homens. Deixou de fazer parte do *Internacional* assim que se casou, porque passou a assumir maiores responsabilidades, assim explica Rosângela Santiago ao ser questionada sobre sua saída do futebol.

Nossa quarta entrevistada foi a Sra. Sebastiana Luzia de Oliveira, irmã mais nova de Adalicia Ribeiro, entrevistada mencionada anteriormente neste tópico. Sebastiana Oliveira também nasceu em Picos, no ano de 1970. Sobre seu período da infância relembra as brincadeiras de crianças, os banhos no rio etc., demonstrando saudade daquele momento de sua vida.

⁸ Segundo as entrevistadas o termo Macho-fêmea se tratava de uma expressão preconceituosa atribuída às mulheres que praticavam futebol, entendia-se que ao praticar futebol a mulher se tornava meio homem e meio mulher.

Seu interesse pelo futebol começou desde bem pequena quando acompanhava seus irmãos durante os jogos. Sobre isto, Sebastiana Oliveira relata:

Já acompanhando a Adalicia que lá em casa tinham eu, Adalicia e os meninos. Então, era o time dos meninos e o time das meninas. Então, foi mesmo por influência, tinha os irmãos que jogavam e eu acabava indo, ia jogar junto. Era a brincadeira nossa da época, era correr, atletismo, era praticar esporte, era mais isso mesmo, nadar no rio. Aí, por influência, a tarde eu acabava indo, e nisso nós acabamos formando um dos melhores times daqui de Picos (OLIVEIRA, Picos, 2014).

Como se pode perceber pelo relato acima, Sebastiana Oliveira começou a praticar futebol em virtude da influência dos seus irmãos que a convidava para fazer parte da brincadeira, com isso, logo se identificou com o esporte. Aos 14 (quatorze) anos de idade, Sebastiana Oliveira já fazia parte do time *Sport Club Internacional*.

Recebeu total apoio de sua família quanto à prática do futebol até porque, explica Sebastiana Oliveira, essa atividade era um hábito comum em sua casa, inclusive, seus pais foram os seus maiores incentivadores para jogar profissionalmente no *Sport Club Internacional*. Mesmo antes de começar de fato a jogar futebol, já possuía relação direta com o esporte ao acompanhar seus irmãos mais velhos, assim para sua família tudo fazia parte de um processo “natural” tanto para os homens quanto para as mulheres.

Durante o período em que praticou o futebol, na década de 1980, atuou sempre no time do *Sport Club Internacional*, jogando como goleira, zagueira e atacante. Era uma das mais novas da equipe e, possivelmente, uma das que ficou por menos tempo no futebol. Em relação ao encerramento de suas atividades no futebol, Sebastiana Oliveira aponta que ao chegar aos 20 (vinte) anos a maioria das mulheres do seu time já haviam parado de jogar devido ao casamento, entre outros motivos, e isto acabou causando certo desânimo. Neste período, ainda na década de 1980, Sebastiana Oliveira também começou a cursar enfermagem, a sair para festas e não tinha mais o tempo disponível para praticar futebol. Desta forma, resolveu que deveria abandonar de vez o futebol e assim fez por volta do ano de 1987.

De acordo com os fragmentos de memórias das ex-jogadoras entrevistadas, essa empolgação inicial em fazer parte de um time de futebol, geralmente, não durava muito tempo para algumas mulheres. Vários foram os motivos, a saber: algumas desistiram após sua primeira atuação em um jogo; outras logo depois que saíam dos

jogos muito machucadas; havia ainda aquelas que deixaram o esporte após a proibição do namorado ou marido; havia ainda mulheres que, simplesmente, perderam a vontade de jogar futebol; por último, apontaram motivos por questões religiosas, como recorda Adalicia Ribeiro:

Teve uma menina que jogou futebol com a gente muito boa, ela era centroavante, goleadora, e eu lembro que ela era evangélica. E ela sofreu muito, porque jamais, naquela época, um pastor ia aceitar que uma ovelha sua jogasse futebol. Então, foi trabalhado na mente dela que ela deixasse de jogar, que não era coisa pra mulher, não era coisa pra [sic.] crente, essas coisas. E assim, ela teve que ir embora. Tiveram que mandar ela ir embora, eu acho que por conta disso mesmo (RIBEIRO, Picos, 2014).

O que se percebe pelos relatos das ex-jogadoras de futebol é que o principal motivo de desistência das mulheres de praticar de futebol foi, de fato, o namoro e o casamento, pois ao entrar em um relacionamento, geralmente, o parceiro não permitia que a mulher continuasse jogando futebol. Estes motivos fizeram com que durante certo tempo algumas das equipes deixassem de atuar no futebol por não ter mulheres suficientes para compor um time. O *Sport Club Internacional* ficou sem atuar durante alguns meses, provavelmente por volta do fim de 1986 à início de 1987. Para voltar às atividades, as mulheres que ainda restavam nesta equipe tiveram que “convocar” jogadoras de outros times, que também haviam se desfeito, para que pudesse completar o número de jogadoras necessário para voltar a competir profissionalmente, como será abordado no próximo tópico.

É recordado que devido a essa grande evasão, por várias vezes, as jogadoras do *Sport Club Internacional* chegaram a treinar com homens devido à falta de mulheres para compor as equipes. Esta foi uma das estratégias utilizada pelos treinadores do *Sport Club Internacional* para que fosse possível preparar o time para disputar com as equipes de outros bairros e/ou também de cidades vizinhas. Ainda, segundo as ex-jogadoras, o time feminino *Sport Club Internacional* chegou a disputar algumas partidas contra times masculinos, até mesmo em outras cidades, chegando a alcançar algumas vitórias. No imaginário dessas ex-jogadoras, o *Sport Club Internacional* aparece como o time mais glorioso da época. De acordo com as informações contidas nas fontes orais analisadas, foi montada toda uma estrutura em volta do *Sport Club Internacional*, que dispunha de um treinador que organizava o time

e realizava “treinamentos pesados” de preparo físico, além do treino com bola no campo todos os dias.

Desta forma, pode-se compreender o quanto o futebol foi levado a sério por essas mulheres e foi incorporado à sua rotina, passando a fazer parte de suas vidas. Percebe-se que, embora o futebol tenha sido importância para a vida delas, ainda assim era bastante comum entre essas mulheres a escolha de assumir uma família e deixar o esporte, pois a família era entendida como algo sólido, ao contrário do futebol feminino que nunca recebeu o apoio necessário para se consolidar como profissão.

3.4 Internacional e *Bota Fogo*: a concretização da equipe de futebol feminino em Picos

O futebol surgiu na vida dessas mulheres como uma forma de brincadeira, de lazer, praticado nos horários “vagos”, ou de intervalo, em meio às aulas, afazeres domésticos e mesmo do trabalho. De acordo com as entrevistadas, esta prática foi entendida pelas famílias das jogadoras como uma brincadeira saudável, sendo considerada apenas mais um meio de diversão. Desse modo, as famílias não se opuseram à participação das mulheres no futebol, entendendo essa atividade como uma forma de lazer que não se diferenciava muito das outras atividades das quais elas já participavam. No relato de Rosângela Almeida, fica claro o quanto se tornou “normal”, na década de 1980, a prática do futebol para as meninas. De acordo com Rosângela Santiago Almeida, na infância havia certa divisão da prática do esporte entre as próprias mulheres, sendo que as meninas menores se divertiam brincando de boneca e as maiores jogando futebol.

Em pouco tempo essas mulheres fortaleceram seus laços com o futebol e, a partir daí, foi formado o time feminino *Sport Club Internacional*, em 1982. Na memória das ex-jogadoras do *Sport Club Internacional*, esse time aparece como um símbolo imponente, cheio de boas lembranças, de vitórias e saudade. Percebemos por meio dessas memórias, o orgulho que essas mulheres têm ainda hoje de ter participado do “melhor time de Picos da época”.

O *Sport Club Internacional* surgiu no dia 21 de setembro de 1982. Foi formada por um grupo de amigas que residiam na mesma rua e que compartilhavam o desejo

de jogar futebol. Inicialmente, a equipe *Sport Club Internacional* praticava/treinava futebol num mine campo devido à pequena quantidade de jogadoras no time, somente com a entrada de mais jogadoras foi possível completar a equipe para atuar em campo tamanho padrão. Os treinos eram realizados em um campo que foi improvisado dentro de um “terreno aberto” no bairro, que foi construído pelas próprias mulheres com a ajuda de alguns familiares.

Na Ata do *Sport Club Internacional* de 21 de setembro de 1982, assinada pela Sra. Maria do Carmo de Jesus Ferreira Monteiro, ex-jogadora do *Sport Club Internacional* e secretária do time, contém informações do surgimento da equipe e também das primeiras mulheres que atuam no time, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 4: Ata do Sport Club Internacional de 21 de setembro de 1982 (p. 2).

O SPORT CLUB INTERNACIONAL de futebol feminino, foi o primeiro clube a ser fundado na nossa microrregião, na data de 21 de setembro de 1982.

As primeiras jogadoras, que surgiram neste humilde time, foram:

Adalice - a nossa primeira goleira e uma das fundadoras; hoje, nossa Tesoureira.

Nen - uma excepcional zagueira que tinha como arma de combate, a sua incrível velocidade, e a dura marcação.

Sandra - ~~ela~~ e Nen na defesa eram imbatíveis, com a diferença, e que Nen, era mais veloz e Sandra mais dura na marcação.

Rosa - foi a primeira ~~meia esquerda~~ ^{meia esquerda} do time, depois jogava em todas as posições, sendo que ultimamente, era a nossa lateral direita. Era a que tinha mais raça.

Cardeide - Ponteira esquerda que lançava e cruzava muito bem. Só tinha um ponto negativo: O dengo.

Gracia - Ponteira direita bastante veloz e que tinha muita malícia.

Cassandra - foi a primeira centroavante do time e a única que nunca acertou ~~cobrar~~ um pênalti. Ultimamente é a nossa meia esquerda e orientadora. Foi ela quem teve a ideia de formar o time, mas, se não fosse com a ajuda das outras jogadoras que citamos acima, ela não teria conseguido formar a melhor equipe de futebol feminino deste estado. Ela também é a nossa secretária.

Obs:

Logo no início, quando fundamos este time, o mesmo era de futebol de mini-campo. Depois surgiram mais jogadoras, aí então, ~~veio~~ ^{veio} a consolidação de um time, de uma equipe bem formada e que lutou e continua lutando, para melhorar ver as pessoas, em especial, "as mulheres", praticando este esporte lindo.

Com o surgimento deste time, foram surgindo muitos outros, dentre eles, destacando-se o Botafogo, o nosso maior rival, que surgiu quase na mesma data - 25/09/82 - e foi o nosso primeiro adversário.

Foi depois do primeiro jogo, que as outras garotas com outros times surgiram, mas, duraram pouco. Com a difusão surgiram outras jo-

Fonte: Arquivo pessoal de Rita de Cassia de Jesus Ferreira Monteiro.

Nos dados contidos na Ata do *Sport Club Internacional* de 21 de setembro de 1982 aparece não só os nomes das primeiras jogadoras, como também a posição que jogavam no time e ainda as principais qualidades e falhas delas como jogadoras. As sete jogadoras citadas nesta Ata foram as pioneiras no futebol de Picos e formaram a base do time do *Sport Club Internacional*, sendo elas: Adalice, a primeira goleira e uma das fundadoras da equipe; Nem, que é mencionada como uma zagueira bastante veloz; Sandra, zagueira de “dura marcação”; Rosa, primeira meia esquerda e posteriormente assumiu a posição de lateral direita; Carleide, ponteira esquerda que se destacava no lançamento de bola; Graça, ponteira direita de grande velocidade; Cassandra, primeira centroavante da equipe, e a primeira a propor a formação da equipe feminina. A partir daí, foi se desenvolvendo e se transformou em uma grande equipe.

As maiores dificuldades encontradas na prática do futebol foram relacionadas à aquisição dos equipamentos, isto devido ao seu alto valor de custo. Contudo, este fato não foi um empecilho para a formação da equipe e sua ida aos campos para competir. Uma das estratégias utilizada pela equipe técnica do *Sport Club Internacional* para superar essas dificuldades financeiras do time, como, por exemplo, para comprar os uniformes da equipe que eram muito caros, foi pedir patrocínio a algum político ou pessoas influentes no meio. Assim, com o dinheiro adquirido, compravam shorts e camisas sem estampas para que pudessem ser customizadas por elas mesmas. Colocavam números, símbolos e *layout* dos patrocinadores, de modo que aos poucos as peças personalizadas transformavam-se nos uniformes com as características da equipe *Sport Club Internacional*. Para levantar fundos também os membros do *S.C. Internacional* realizavam bingos e arrecadavam dinheiro com passagens dos torcedores que acompanhavam o time nos jogos que aconteciam em cidades vizinhas. Na figura 3, abaixo, se pode verificar o time *Internacional* uniformizado, podendo ver também alguns homens que ajudavam a organizar a equipe, igualmente uniformizados, e também alguns torcedores que acompanhavam o time.

Figura 5: Equipe feminina do *Sport Club Internacional* de Picos, em 1983.



Fonte: Arquivo pessoal de Rita de Cassia de Jesus Ferreira Monteiro.

Na imagem acima podemos perceber toda a estrutura que envolvia a equipe do *Sport Club Internacional*, percebemos que o time estava devidamente uniformizado, com camisas, shorts e meãos padronizados. É possível notar também a presença de uma comissão técnica formada por quatro homens que aparecem uniformizados na imagem, sendo eles: (da direita para a esquerda) o quarto que aparece de pé, Chacrinha, técnico da equipe; o primeiro agachado a frente, Santiago, instrutor técnico; ao lado do Santiago, o Fabiano, massagista da equipe; o último homem que aparece uniformizado da direita para esquerda não foi possível ser identificado. É notável também a presença de alguns torcedores que acompanhavam o time durante os jogos. O *Sport Club Internacional* tinha toda uma estrutura que envolvia o time, além da comissão técnica, possuía também uma secretaria, tesoureira, presidente e vice-presidente.

Na página 04 (quatro) da Ata do Sport Club Internacional 24 de janeiro de 1986 contêm outros dados também sobre toda a estrutura que cercava equipe, os técnicos que assumiram o comando por algum tempo, todas as jogadoras que passaram pelo time, mostra também como se deu a posse do presidente e vice-presidente, e posteriormente destaca o momento de chegada de um novo presidente do time.

Com o passar do tempo surgiram pessoas dispostas a nos ajudarem. Aí tivemos como técnicos: Juarez – Regular, pois só nos treinou um dia. Pitró – ajudou-nos muito, mas depois saiu, não sabemos o porquê. Chacrinha – ainda continua com a gente, mas não ajuda-nos muito agora. Tivemos então o nosso presidente, que nos foi apresentado pelo Chacrinha, para decidirmos se o aceitávamos como tal, o senhor Adonias. O nosso vice-presidente que nos foi apresentado pelo Sr. Adonias, também para nós decidirmos a aceita-lo; o nosso grande amigo Paulo Afonso. Todas essas pessoas nos deram um apoio muito grande e nós agradecemos muito e esperamos contar com o apoio delas por muito tempo, também o apoio de uma torcida que gostamos muito e como enfrentes dela, como grandes incentivadores, queremos que este time sobreviva, pois é o único desta cidade. Também foi técnico, o Marcos. Agradecemos do fundo do coração à esses dois grandes incentivadores, que nos deram a maior força: Chacrinha e Adão. Obs: como técnico também tivemos o Ari – que nos ajudou muito. Cassandra... Secretária do SPORT CLUB INTERNACIONAL. Em: 24-01-86. Picos-PI (ATA, 1986, p. 4)

Como podemos observar na Ata do Sport Club Internacional 24 de janeiro de 1986, foram indicados os nomes de Adonias e Paulo Afonso para Presidente e Vice-Presidente do time e ficou a critério das jogadoras para aceitar, ou não, que eles tomassem posse do cargo. De acordo com os dados informados pelas entrevistadas, era notável que existisse uma aceitação por parte dos homens para compor a equipe técnica de um time de futebol feminino, em Picos, logo se tratavam de amigos ou familiares. Nesse sentido, durante todo o tempo em que o *Sport Club Internacional* se manteve na ativa, apareceram várias pessoas para colaborar de alguma forma com o time, em sua maioria para ajudar nos treinos auxiliando no preparo físico e tático das jogadoras. Era de grande importância a contribuição dessas pessoas, sendo que a equipe não recebia apoio financeiro de nenhum órgão público ou particular, as ajudas para custear as despesas do time viam de amigos parentes e mesmo das próprias jogadoras.

O desejo das mulheres de praticar futebol foi se disseminando pelos bairros de Picos ainda em 1982. Em pouco tempo, foram surgindo novos times em vários bairros da cidade. A empolgação inicial tomou conta do imaginário feminino e muitas mulheres resolveram se aventurar nos campos de futebol. Pode-se inferir que o aumento do número de times de futebol feminino em Picos contribuiu significativamente para a formação de jogos entre as equipes existentes. Na Ata do Sport Club Internacional 24 de janeiro de 1986 possuem anotações de 58 (cinquenta e oito) jogos realizados pela equipe do *Sport Club Internacional*. A maioria dos times que o *S.C. Internacional* enfrentou é de Picos e outros de cidades vizinhas. Os times foram surgindo em vários

bairros, tais como: o *Corinthians* e *Grêmio* da COHAB, o *Bota Fogo* das Pedrinhas, *Flamengo* do Canto da Várzea, *São Paulo* da Ipueiras, dentre outros que não foi possível identificar, ao longo da pesquisa, de qual bairro surgiram alguns times, como o *Tiradentes*, *Barcelona*, *São Paulo*, *AABB*, *Grêmio Cidade*, *Juventus*, *Santos*, *U.P.E.S.* No bairro Junco, além do *Sport Clube Internacional* surgiram também o time do *Flamengo* e *Bota Fogo*, este último se tornou o grande rival do *Internacional*. Como percebemos, os nomes dos times eram baseados em grandes equipes no futebol profissional, com isso algumas equipes de bairros diferentes possuíam o mesmo nome, a saber: havia o *Botafogo* das pedrinhas e o *Botafogo* do Junco, *Flamengo* do Canto da Várzea e o *Flamengo* do Junco, *São Paulo* da Ipueiras e outro *São Paulo* o qual não foi possível identificar de qual bairro teria surgido.

A primeira partida que se tem registro foi realizada no dia 23 de setembro de 1982 no bairro Junco, entre as equipes do *Sport Club Internacional* e *Bota Fogo*, ambos do Junco, tendo como resultado “*Sport Club Internacional* 4 x 1 *Bota Fogo*”. Assim como acontecia no futebol profissional, foram surgindo grandes rivalidades. Os fragmentos de memória de Adalicia Ribeiro apresentam dados significativos sobre a questão quando faz uma comparação da rivalidade entre *Sport Club Internacional* e *Bota Fogo*⁹, com a rivalidade entre *Brasil* e *Argentina*.

Nosso rival maior era o *Bota Fogo*, porque lá jogava uma menina que era a centroavante e ela era irmã do nosso técnico. Então, havia uma rivalidade assim, muito gostosa entre nós. Como se fosse *Brasil* e *Argentina*, hoje. Então, nós tínhamos essa rivalidade, estávamos sempre disputando, sempre treinando entre si (RIBEIRO, Picos, 2014).

Dos 58 (cinquenta e oito) jogos mencionados na Ata do Sport Club Internacional 24 de janeiro de 1986, 15 (quinze) deles foram realizados entre *Internacional* e *Bota Fogo* do bairro Junco, sendo que o *Sport Club Internacional* obteve a maioria das vitórias. Embora perdesse a maioria das partidas, o *Bota Fogo* era a equipe que, em termos de competição e composição técnica e tática, mais se igualava ao *Internacional*.

O futebol feminino contagiou a cidade de Picos. No dia 10 de junho de 1983, foi realizado pela Prefeitura de Picos o primeiro torneio de futebol feminino da cidade.

⁹ O *Sport Club Internacional* e *Bota Fogo*, eram dois times femininos do Bairro Junco, grandes rivais na década de 1980.

Denominado de “Gatas e Tradição”, o torneio foi realizado na sede recreativa da AABB de Picos. Nesta competição disputaram sete equipes de futebol feminino, todas de Picos. O torneio aconteceu do dia 10 a 25 de junho de 1983, sendo que a equipe do *Sport Club Internacional* foi a grande campeã e saiu invicta do torneio. Em setembro do mesmo ano aconteceu mais uma competição entre as equipes femininas de futebol nos Jogos Abertos Picoenses (JAP's). Neste campeonato, o *S. C. Internacional* conquistou vitória nos dois primeiros jogos, porém foi eliminado do JAP's devido à inscrição irregular de uma das jogadoras.

Como vimos durante o ano de 1982 surgiram várias equipes de futebol feminino em Picos. Todavia, da mesma forma que surgiram rapidamente, também foram deixando de existir. As entrevistadas explicam que no início houve uma grande empolgação que tomou conta dessas mulheres em vários pontos da cidade, mas, com o passar do tempo essa empolgação foi diminuindo a ponto de várias mulheres desistirem completamente de praticar futebol. Desta forma, a maioria dos times femininos não tinha o número de jogadoras suficiente para compor suas equipes. Assim, como já foi dito acima, as mulheres que permaneceram nas equipes tiveram que procurar as jogadoras de outros times que ainda estavam atuando para, então, poderem continuar no futebol.

Dos dezesseis times que existiam em Picos, em 1986, poucos restaram. Nos dados que constam na Ata do *Sport Club Internacional* 24 de janeiro de 1986 é possível perceber como se deu a rearticulação do *Sport Club Internacional* que teve de ir à busca de jogadoras dos outros times para recompor sua equipe.

Figura 6: Ata do Sport Club Internacional de 24 de janeiro de 1986 - página 3.

goleiros que vieram para jogar no nosso time. Como exemplo temos:
 Cíene - ex-jogadora do Flamengo, que foi uma excelente Centroavante. Sua prima favorita era o driblé e que ainda hoje é a nossa artilheira.
 Deda - Começou no Internacional mesmo, mas logo depois saiu para casar. Foi zagueira - direita.
 Rosângela - Também começou no Internacional e saiu, porque não queria nada com o time. Jogava na Lateral-esquerda.
 Eva - Começou no Internacional, mas depois do primeiro jogo, saiu.
 Egmar - irmã de Graça, também começou no Internacional, mas como, algumas das outras jogadoras, não quis nada com o futebol. Era zagueira.
 Edileusa - Foi uma de nossas tentativas como Centroavante; não deu certo. Saiu do time.
 Maya - Jogou uma única vez como goleira. Se deu bem, mas saiu.
 Dora e Maria - irmãs que começaram no nosso time. A primeira foi goleira e a segunda Lateral-esquerda.
 Delma, Têta e Vivalda - são amigas, que quando entrávamos num campo para jogar que tinha algumas jogadoras viajando e não tinha jeito delas voltarem para o jogo, elas ajudaram, pois eram as únicas que dispúnhamos.
 Carminha, Silvana, Sebastiana e Ceiza - Marisa - jogaram na posição de goleira, sendo que as duas últimas, já jogaram na linha de frente e de trás.
 Neuzinha, Ceiza e Deusinha - estas foram centroavante. sendo que Neuzinha continua - espero que por muito tempo - ainda como centroavante e Ceiza na reserva.
 Celia, Verônica e Ângela - a primeira foi jogadora do Tiradentes, a segunda do Flamengo do Turco e a terceira do Flamengo da cidade. Depois, jogaram por último no nosso time. Fizeram ótimas passagens - principalmente Ângela.
 Aparecida, Nixinha e Trismar - três ótimas laterais - direitas. As duas últimas continuam no time. A última foi também, uma das fundadoras do time.
 Tedícia - É a nossa volante. É uma boa jogadora. Seu único defeito, é ter vergonha de levar um driblé, por isso não insiste muito com o adversário. Veio do Botafogo, depois que o time acabou.
 Socorro - Continua no Internacional e é a nossa ponteira-esquerda.

Com a saída de jogadoras dos times femininos de Picos, o *Sport Club Internacional* começou a entrar em contato com times de outras cidades para sanar o desfalque numérico da sua equipe e continuar disputando partidas. Já reestruturado, o time começou a viajar para participar de jogos em outras cidades, tais como: Jaicós, Santa Cruz, Simões, Paulistana, Monsenhor Hipólito, Ipiranga, no Piauí; e Campos Sales-CE. As equipes de futebol feminino dessas cidades também vieram para Picos jogar com o *Internacional*, a maioria das partidas eram realizadas no Estádio Helvídio Nunes, outras partidas foram disputadas no 3º BEC e no Campos Avançados. Com a falta de times femininos em Picos, o *Internacional* chegou a treinar algumas vezes com equipes masculinas, realizando alguns jogos amistosos para poder se preparar para enfrentar as equipes de outras cidades.

4 FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE ASCENSÃO SOCIAL FEMININA

Como já foi discutido no capítulo anterior, o futebol feminino, em Picos, começou a fazer parte da vida das ex-jogadoras a partir de uma brincadeira de meninas, entretanto, esta prática foi tomando novos significados e, assim, reconfigurou-se em uma atividade esportiva profissional. Neste último capítulo, faz-se uma abordagem sobre o futebol feminino nos anos 1980, quando esta modalidade esportiva para as mulheres já era reconhecida oficialmente pelo CND.

Vale salientar que antes de ser legalizado, nos anos 1980, o futebol já fazia parte do cotidiano de muitas mulheres picoenses sendo, inicialmente, praticado como uma forma de lazer e logo depois se tornou um esporte profissional com o surgimento de equipes de futebol feminino nos bairros da cidade. Com isso, pretende-se analisar como o processo de profissionalização do futebol feminino, em Picos, a partir da história e memória das ex-jogadoras, bem como, pretende-se compreender até que ponto a prática do futebol contribuiu para certa autonomia dessas mulheres.

4.1 Sob olhares repreensivos, elas construía sua história e a do futebol feminino em Picos

Inicialmente, a prática do futebol feminino na cidade de Picos foi entendida apenas como uma forma de lazer, inclusive, para as próprias mulheres que improvisavam o esporte através das brincadeiras. A partir do desejo de um grupo de mulheres que pretendiam que o futebol deixasse de ser apenas uma brincadeira de criança para ser levado a sério, foi que, posteriormente, o futebol assumiu a posição de uma verdadeira atividade esportiva de caráter profissional. As mulheres que, de início buscavam apenas se divertir, passaram cada vez mais a firmar compromissos com as equipes que paulatinamente iam surgindo, dedicando-se uma parte do seu tempo para os treinos de futebol para obter bons resultados dentro de campo. O futebol se transformou em algo muito importante para suas vidas, passando a estar presente em sua rotina diária. Aos poucos, as equipes femininas iam conquistando seu espaço dentro da sociedade, sobretudo a partir da fundação do *Sport Club*

Internacional, considerado pelas entrevistadas como o melhor time da cidade porque assumia cada vez mais uma postura de equipe de futebol profissional.

Na medida em que esta prática foi ganhando novos significados na sociedade e adquirindo características de futebol feminino profissional, observa-se que, também, a opinião até então favorável à participação das mulheres neste esporte foi sendo modificada, a ponto de surgir algumas tentativas de proibição vindas de algumas famílias das jogadoras. De acordo com as ex-jogadoras, a repreensão à entrada das mulheres no futebol profissional surgia de alguns membros das famílias e se configurava numa espécie de preconceito nos anos 1980, algo “novo” porque até então essas mulheres não haviam conhecido. A partir daí tiveram de aprender a conviver com as diferentes opiniões sobre o futebol feminino, de maneira que as jogadoras tiveram que aprender a lidar com as críticas, sobretudo, com aquelas entendidas por elas como mais severas e preconceituosas. Apesar disso, a atitude repreensiva da sociedade picoense ou da própria família, nos anos 1980, não foi suficiente para fazer que essas mulheres abandonassem os campos de futebol, pelo contrário, a sua paixão pelo futebol só aumentava.

Nos depoimentos das ex-jogadoras não aparece lembranças sobre acontecimentos mais graves de preconceito sofrido por elas na época em que praticavam o futebol. Contudo, há algumas lembranças de momentos em que as jogadoras sentiam a presença de um olhar diferente, de reprovação ou mesmo de estranhamento. As entrevistadas Rosangela Santiago de Almeida e Rita de Cassia de Jesus Ferreira Monteiro, relatam que durante seu período de sua atuação no futebol chegaram a conhecer a expressão “macho-fêmea¹⁰”, a qual era utilizada para expressar certo preconceito sobre as mulheres que jogavam futebol e que marcava a reprovação da prática de futebol feminino na época. Essa expressão foi utilizada por alguns homens na década de 1980 como uma forma de atribuir a algumas mulheres uma caracterização masculina, instigando a pensar que ao praticar o futebol a mulher perderia suas características de feminilidade, substituindo-a por uma caracterização masculina. Silvana Vilodre Goellner (2005) aponta que:

¹⁰ O termo “macho-fêmea”, na década de 1980, era utilizado para caracterizar as mulheres que possuíam um corpo que lembrava alguns padrões masculinos, de acordo com os depoimentos das entrevistadas este termo teria a mesma significância que atualmente tem a palavra “sapatão”.

Agrega-se, portanto, ao discurso da masculinização da mulher a associação entre a aparência corporal e a identidade sexual, ou melhor, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo “viril” vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a partir de um referente que não aquele considerado como “normal”, qual seja o da heterossexualidade. Essa associação toma como sinônimas as identidades de gênero e as identidades sexuais (GOELLNER, 2005, p. 149).

A prática do futebol modificava o corpo das mulheres, na medida em que era realizado o preparo físico para estar em forma durante as partidas, iam se desenvolvendo músculos por todo o corpo. Desta forma, o corpo feminino adquiria uma nova aparência, essa transformação se dava, principalmente, nas pernas que ficavam visivelmente musculosas. O que atualmente seria o ideal de corpo feminino, para a sociedade da época não era o perfil físico adequado para a mulher, visto que a prática de atividades físicas era mais restrita aos homens. Este fato nos remete a pensar que o preconceito que existia em relação a essas mulheres estava ligado ao receio de que ao adquirir um corpo “masculinizado”, considerando que a sexualidade feminina também seria afetada, o que era absolutamente reprovável para a sociedade da época.

A expressão “macho-fêmea” carregava o peso da carga de preconceito da sociedade picoense dos anos 1980 e isso aparece nitidamente nos depoimentos das entrevistadas Rosângela Almeida e Rita de Cassia Monteiro. No texto intitulado *Futebol é “coisa para macho”?*, Fábio Franzini (2005) explica que no conceito preestabelecido de que se o “futebol é coisa pra macho”, as mulheres não poderiam praticar o esporte, e se praticam tornavam-se uma espécie de “macho-fêmea”. Para este autor, o que dava espaço para este tipo de pensamento eram as concepções errôneas e pré-estabelecidas que se tinham sobre as identidades de gênero, onde o masculino se sobrepunha ao feminino. Dessa maneira, o espaço do feminino ficava restrito a áreas que lhes foram reservadas, o espaço doméstico, e esta ordem não deveria ser afetada.

Neste sentido, Silvana Vilodre Goellner (2005) aborda que esta forma de preconceito poderia ainda estar relacionada ao fato de que:

Certamente algumas destas mulheres transgridem ao que convencionalmente se designou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os

preconceitos e também as estratégias de poder que estão subjacentes a eles. Outras, no caminho inverso, moldam-se aos padrões masculinos de modo a não questionar nem os preconceitos, nem as regras que o regem, expresso em atitudes, piadas, comportamentos, posturas corporais e discursos. No e pelo esporte, reafirmam sua feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e espetacularizam seus corpos (GOELLNER, 2005. p. 149).

Como afirma Goellner (2005), é certo que as mulheres que se aventuram no futebol estavam de alguma forma quebrando *tabus* e regras impostas pela sociedade, ao ingressarem num espaço que foi constituído historicamente como masculino. Entretanto, enquanto algumas enfrentavam o preconceito, outras acabavam se submetendo as imposições da sociedade e/ou da família sem questionar e ainda tentavam se adaptar aos padrões impostos histórica e culturalmente ao gênero feminino.

Apesar de algumas das entrevistadas afirmarem não ter vivenciado diretamente situações de preconceito, o fato de alguns rapazes proibirem suas namoradas de continuarem fazendo parte de uma equipe de futebol, deixava evidente que em meio a essa proibição existia um olhar preconceituoso. Enquanto o jogo de futebol praticado pelos homens e mulheres era visto apenas como um momento de sociabilidade, de confraternização entre amigos e mesmo de parceria entre eles dentro de campo, os homens não demonstravam ter nenhum tipo de reprovação em relação à participação das mulheres nesta modalidade esportiva. Porém, a partir do momento que se iniciava um namoro de um rapaz com uma dessas mulheres, logo essa atividade se transformava em um problema para a continuidade do relacionamento. De acordo com as entrevistadas, nesse momento surgia a necessidade de se tomar uma escolha entre o namoro ou o futebol, o que se tornava uma difícil decisão.

De início o futebol feminino foi bem aceito pelas famílias das jogadoras, considerando que havia sido entendido apenas como uma forma de lazer, desta forma, não causou uma atitude de reprovação por parte das famílias. A partir do momento em que a relação dessas mulheres com o futebol foi tomando maiores proporções, elas já estavam envolvidas de tal forma que nem mesmo uma proibição de pai ou mãe fazia com que alguma delas desistisse. A ex-jogadora Rosângela Almeida relembra que, em sua família, a maior reprovação veio por parte de seu irmão que era militar e, a princípio, foi bastante irredutível porque não aprovava sua atuação

no futebol, atitude que acabou mudando com o passar do tempo. Quando indagada sobre o assunto, ela recorda que:

[...] teve uma época que eu joguei no campo da AABB. Aí, tinha um irmão meu que era militar, era o que mais pegava no meu pé. Nesse dia, eu fiz um gol e foi o único gol do jogo. Eu me lembro de que ele correu da arquibancada e me deu um abraço e disse: “Valeu minha irmã!”. Eu me senti tão feliz com aquilo, porque era o que mais falava e no momento ele tava [sic] me cumprimentando pelo gol (ALMEIDA, Picos, 2014).

A aceitação ou o impedimento das mulheres no futebol por parte da família ou um de seus membros, podia não representar um motivo direto para desistência das jogadas, todavia, o incentivo por parte das pessoas mais próximas contou para que essa prática fosse levada a diante. Ao longo das narrativas das ex-jogadoras foi possível perceber o sentimento de emoção delas ao recordarem momentos em que suas famílias as acompanhavam durante os jogos, dando apoio e as incentivando para que seguissem adiante no esporte.

O preconceito manifestado as jogadoras de futebol era sustentado pelo conceito fechado construído para o gênero feminino e que impunha uma identidade homogênea para todas as mulheres. Nesta concepção, nenhum sujeito do sexo feminino poderia sair dos moldes que a sociedade culturalmente havia determinado. Losandro Antonio Tedeschi (2012), na sua pesquisa *As mulheres e a história: entre a invisibilidade e o protagonismo nas narrativas históricas*, explica que, historicamente, se construiu a imagem do feminino ligada aos afazeres domésticos, o que acabava negligenciando a visibilidade da mulher no exercício de outras atividades fora do espaço privado; enquanto aos homens eram reforçados os discursos de que eles eram destinados às funções mais qualificadas e valorizadas no espaço público.

A definição de gênero, segundo Rachel Scott (1995), trata-se de um conceito formulado para designar as relações sociais entre os sexos. Esta autora defende ainda que a ideia de desigualdade entre homens e mulheres é um fator socialmente construído e vem sendo formulado por meio da atribuição, a ambos, de papéis diferenciados e hierarquizados, onde o masculino sempre se sobrepõe ao feminino.

Partindo do ponto de que se é atribuído às identidades de gênero, Rachel Soihet (2011) sugere a quebra da interpretação de uma “identidade feminina” no singular para o plural, devendo ser substituída por “identidades femininas”. A autora

entende que existe uma complexidade em torno da história das mulheres, por isso não existe uma única “história das mulheres”, pois estas não se configuram em um grupo homogêneo, pelo contrário, existem diversas particularidades. Desta forma, compreende-se que existem várias identidades femininas, que podem se aproximar e ao mesmo tempo se distanciar uma das outras. Através da memória desse grupo de mulheres que praticaram o futebol, em Picos nos anos 1980, podemos perceber uma particularidade que marca a presença de uma nova identidade feminina, que é construída pela memória individual e coletiva dos sujeitos envolvidos neste processo.

Frente às dificuldades que tiveram que enfrentar durante o surgimento e afirmação do futebol feminino em Picos, esse grupo de mulheres fez com que esse esporte, que até o início da década de 1980 era inexistente na cidade, ganhasse maior popularidade no meio feminino. Essa popularização fica evidenciada quando se percebe que, em menos de um ano, tenha surgido em Picos cerca de 16 (dezesesseis) equipes de futebol feminino espalhadas pelos bairros da cidade. Através dessas equipes e, principalmente, do *Sport Club Internacional* que vigorou durante mais tempo, foram estruturadas as bases do futebol feminino na cidade, que atualmente possui uma das melhores equipes do Estado do Piauí, chegando a atuar na “Copa do Brasil de Futebol Feminino”.

Contudo, as mulheres atuavam nessas 16 (dezesesseis) equipes de futebol faziam parte de um grupo que estava quebrando várias barreiras, desde preconceitos sociais a dificuldades pessoais. Apesar dos problemas, elas acabavam se sobressaindo dos obstáculos encontrados e, desta forma, construam a história do futebol feminino, em Picos, e reconstruindo sua própria história.

4.2 Ampliando horizontes: o futebol como base da conquista da liberdade feminina

A representação do futebol na vida dessas mulheres foi tomando novos significados ao longo do tempo. Surgiu como uma forma de lazer e se reconfigurou como esporte profissional, além de lhes possibilitar quebras de *tabus* e de barreiras. Por meio da prática do futebol e das relações de sociabilidade desenvolvidas através

do esporte, essas mulheres puderam entrar em contato com um “novo mundo” que ia além do que conheciam até então.

A memória dessas mulheres sobre seu tempo de atuação no futebol é marcada por uma grande nostalgia. As lembranças estão bem vivas e trazem sentimentos de saudade, alegria, emoção e mesmo tristeza. Reconstroem uma época em que suas vidas foram marcadas pela conquista de certa liberdade, entendendo que o ingresso das mulheres no campo de futebol ampliava seus horizontes, inclusive, contribuindo de maneira significativa para reestruturar seu modo de vida. No relato de Rosangela Almeida percebemos a importância que teve o futebol para a vida pessoal das ex-jogadoras, pois o futebol lhes permitiu também mudar a concepção do que se entendia como “espaço feminino”. Rosangela Almeida afirma que na condição de jogadoras de futebol feminino:

[...] Quebramos muitas regras, muitos *tabus*, porque na minha época, mulher era pra [sic.] lavar roupa, cuidar de filho e casar. E cozinhar, “dirigir o fogão”, como diziam. Quando a gente começou a jogar bola, que foi se abrindo outros horizontes [...]. A gente deve muito aquela época, em que a gente brigava com namorado, com pai, com mãe, com irmão pra poder ir jogar. [...]. Passamos a ter outra visão, de que mulher é sexo frágil? Onde? Tudo que eu quero, eu posso fazer, na medida do meu limite (ALMEIDA, Picos, 2014).

Por meio do depoimento da ex-jogadora Rosangela Almeida, percebemos o quanto o futebol colaborou para quebrar com este ideal de que o lugar da mulher é restrito ao espaço privado. Essas mulheres conseguiram se expandir para além das fronteiras que lhes eram socioculturalmente impostas, e ainda mais, fizeram com que este rompimento fosse compreendido por suas famílias gradativamente. O futebol lhes proporcionou conhecer diferentes lugares, dentro e fora do Estado do Piauí, e se relacionar com pessoas que iam além do convívio familiar. De fato, o futebol se transformou em um instrumento de transformação na vida desse grupo de mulheres, na medida em que os papéis femininos iam se ressignificando, essas mulheres se distanciavam daquele ideal proposto pelos papéis tradicionais femininos presos ao espaço privado e do lar.

Isto nos remete pensar qual seria o papel social imposto às mulheres na época em estudo. Considerando a importância de fazer uma abordagem sobre as mudanças e permanências em torno dos papéis tradicionais femininos, em Picos, na segunda metade do século XX, lança-se mão dos trabalhos da pesquisadora Karla Ingrid

Oliveira que abordam sobre gênero, sociabilidades e representações femininas em Picos no período de 1940 a 1970. Apesar do recorte temporal pesquisado por Karla Ingrid Oliveira não seja referente aos anos oitenta do século XX, a qual estudamos, faz-se voltar um pouco às décadas anteriores a fim de compreender o comportamento feminino e a permanência dos papéis femininos tradicionais ainda impostos culturalmente pela sociedade picoense. Sendo assim, na dissertação de mestrado intitulada *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960*, Karla Ingrid Oliveira (2014) explica:

Os papéis que a sociedade determinava para as moças eram os de boa filha, boa moça e virgem, para, posteriormente, casarem-se e tornarem-se boas esposas, boas donas de casa e boas mães. Este era o destino natural das jovens, impregnado de valores antes mesmo de seu nascimento. Ainda criança os indivíduos eram educados a saber distinguir os espaços destinados às meninas e aos meninos, diferenciando até mesmo o que seriam as brincadeiras possíveis para cada um. O que era divertido brincar quando criança, ao crescer, tornava-se possível de realizar. Brincar de casinha e de bonecas eram atividades essencialmente femininas, ainda nos anos 1970, em Picos. Essas brincadeiras moldavam o comportamento das meninas para serem corpos naturalmente domesticados a permanecer no espaço privado[...] (OLIVEIRA, 2014, p. 95-96).

A questão do papel social feminino como pode perceber acima, era algo presente desde o momento da criação/educação dos filhos na infância, onde eram instruídos homens e mulheres a diferenciar as atividades que cabiam a cada um. A educação dada às crianças visava orientá-las para que ao chegar à fase da juventude cada um já saberia a distinção entre os papéis feminino e masculino, sendo que um não poderia adentrar no espaço do outro. É pertinente retomarmos a essa questão na década de 1960, apesar de não se referir ao recorte temporal desta monografia, porque foi o período em que a maioria das ex-jogadoras, que foram sujeitos da pesquisa, nasceu, ou seja, de 1959 a 1970. Esta análise é necessária para compreendemos sobre o tipo de educação que essas mulheres tiveram ainda na infância, neste caso, uma educação voltada para moldar as meninas a se tornarem, mais tarde, uma perfeita esposa, mãe e dona de casa, isto é, uma mulher preparada para o casamento.

Apesar de na década de 1950 ter havido novas perspectivas em relação ao trabalho e atuação das mulheres, tornou-se constante a presença de discursos que reafirmavam a posição da mulher enquanto esposa, mãe e dona do lar. Ferro e

Rodrigues (2010) apontam que a cidade de Teresina foi palco desses discursos que buscavam reafirmar os tradicionais papéis femininos, sendo o jornal um dos importantes meios de comunicação usados para a veiculação dessas ideias. Segundo esses autores, o reforço das concepções voltadas para a manutenção dos papéis tradicionais femininos era trabalhado sob a ótica de uma mulher moderna, sem que ela abandonasse o espaço privado e o ideal de mulher protetora da família. Esse ideal de papel feminino é percebido ainda na década de 1980, onde o lugar reservado a mulher estava dentro do lar. Nesta perspectiva, o casamento se configurava no momento em que a mulher anulava seus desejos e se submetia a vontade do homem, e as mulheres que escolhessem percorrer outros caminhos estariam saindo da ordem que era preestabelecida.

De fato, o futebol representava para a mulher uma ampliação de horizontes, onde ela passava a entender que as limitações, geralmente atribuídas ao sexo feminino, não correspondiam à realidade do potencial físico e intelectual que elas possuíam, mas apenas diziam respeito à impregnação de uma cultura machista e que foi disseminada há séculos. Essa cultura implica os valores que foram historicamente construídos sobre homens e mulheres, funcionando como um mecanismo de controle e à medida que as mulheres saíam desse mecanismo pré-estabelecido, segundo a visão conservadora e tradicional da sociedade da época, a mulher transgredia o seu espaço e assumia um papel que não seria o seu. Ao se desvencilhar de algumas limitações, as mulheres passam a infringir a ordem estabelecida ao seu gênero.

A inserção das mulheres no espaço do futebol é um exemplo bastante claro dessa quebra de identidade, quando esse grupo de mulheres passa a adentrar ao campo de futebol, um espaço que não era “adequado” à mulher, elas se distanciavam do modelo convencional de identidade feminina, no qual a mulher sempre aparece como uma figura submissa. Neste contexto, Silvana Vilodre Goellner (2005) aponta em seu trabalho que:

A ampliação de atividades relacionadas ao futebol feminino possibilitou diferentes apropriações por parte das mulheres. Se por um lado, sua inserção no futebol pode ser observada como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentado um universo caracterizado como próprio do homem, por outro, pode significar uma adaptação aos valores e práticas comuns a esse esporte visto que, em algumas situações, essa inserção esteve atrelada a afirmação de uma representação hegemônica de feminilidade “medida”, como se pode

esperar , pela aparência dos corpos das jogadoras (GOELLNER, 2005, p. 147)

A questão da posição assumida pela mulher no espaço do futebol, segundo Goellner (2005), pode acontecer de duas formas. Na primeira, ao praticar o futebol, a mulher constrói uma nova identidade feminina e não está preocupada com o que a sociedade pode dizer a seu respeito. Ao enfrentar preconceitos e dificuldades, essa mulher passa a assumir o comando de sua vida, de modo que começa a agir para realizar os seus próprios desejos. No tocante à segunda, autora explica que se trata da mulher que apesar de estar se inserindo em uma nova identidade, ela tenta se ajustar aos modelos femininos historicamente estabelecidos pela sociedade tradicional e conservadora, se adequando aos padrões impostos na prática desse esporte. Tal proposição reflete sobre o processo de construção da identidade feminina a partir da alteridade. Nesse sentido, essas duas posturas assumidas por parte das mulheres que começaram a jogar futebol provocou uma discussão entre as entidades futebolísticas a partir do momento em que as mulheres se firmaram no futebol e também a sociedade teve que aceitar que o lugar da mulher também era dentro de campo. Dessa discussão, sentiu-se a necessidade de ser criada uma identidade para a mulher que praticava o futebol como um esporte profissional.

Novamente voltamos à questão da exaltação da sensualidade feminina. As entidades de futebol consideravam necessário aceitar que as mulheres tivessem espaço no futebol, entretanto, essas entidades estabeleciam que as jogadoras não poderiam perder sua feminilidade ao praticar este esporte. Goellner (2005) aponta um episódio ocorrido em um campeonato feminino organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF), em 2001. Para que as equipes de futebol feminino pudessem se inscrever neste campeonato, a FPF estabeleceu algumas normas, dentre elas havia a regulamentação de que só poderiam participar dos jogos as equipes compostas por mulheres que tivessem os cabelos compridos e até 23 (vinte e três) anos de idade. Ou seja, as normas estabelecidas pela FPF colocavam em relevo as condições físicas e estéticas das jogadoras como um critério indispensável para as equipes de futebol feminino entrar em campo. Segundo Goellner (2005), um dos objetivos das restrições dessa natureza para campeonatos de futebol feminino era fazer com que nos jogos ficasse exposto um modelo ideal das jogadoras que, pelo menos fisicamente, não se distanciasse muito dos padrões estéticos pré-estabelecidos para o perfil feminino.

Por meio dos depoimentos das quatro ex-jogadoras, percebemos que era sim pré-estabelecido um perfil estético para a mulher, porém, isso não significa que todas as mulheres se mantinham dentro dos mesmos moldes cobrados pela sociedade. Cada grupo possui individualidades. Alguns desses grupos fogem mais às regras que outros, e acabam se distanciando mais do que é considerado como “normalidade”. As ex-jogadoras que fizeram parte da equipe do *Sport Club Internacional* estão entre os indivíduos que mais se distanciaram do ideal feminino da época. Como afirma Delgado (2006), a memória torna-se a base construtora de identidades e ainda solidificadora de consciências individuais e coletivas, por meio dos fragmentos de memória de nossas entrevistadas foi possível compreender como surgiu uma nova identidade feminina, em Picos, na década de 1980.

Com a inserção das mulheres no “mundo do futebol” e da transformação que esse esporte causou em suas vidas, o cotidiano dessas mulheres foi efetivamente modificado. Abriam-se novas possibilidades que iam além das fronteiras do doméstico, estreitando e/ou quebrando as barreiras existentes entre os espaços estabelecidos ao feminino e masculino. Esse grupo de mulheres pôde vivenciar novas experiências que contribuíram para “abrir a mente” das jogadoras para algumas questões, como, por exemplo, compreender que sua condição de mulher não era em si uma limitação, bem como poderiam recusar-se a seguir alguns dos princípios morais e religiosos que, até então, só serviam como um mecanismo de controle. Neste sentido, Adalice Luzia de Oliveira Ribeiro aborda sobre esta questão em seu depoimento e detalha o que considerou de positivo aquilo que o futebol proporcionou à sua vida:

Além do físico, mental, porque você tem uma cabeça mais aberta, você conversa com determinados tipos de pessoas. Então, é assim! Eu sempre lutei pelo que eu acredito que vai me fazer crescer na vida, e eu acredito que o futebol me fez crescer na vida. Então, serviu assim, pro [sic.] meu conhecimento, pra eu ver a vida de uma outra maneira, que não é um mundo de homens. As mulheres também tem participação em todas as áreas que ela quiser participar e entrar (RIBEIRO, Picos, 2014).

Como é possível perceber através da memória das ex-jogadoras, essas mulheres têm hoje a consciência do quanto o futebol foi significativo para suas vidas. Além de lhes proporcionar corpos saudáveis, foi por meio do futebol que elas conseguiram extrapolar algumas barreiras que eram impostas à mulher na década de

1980. A entrevistada Sebastiana Luzia de Oliveira também fala sobre o assunto e afirma que: “[...] geralmente quem joga bola, ela tem mais liberdade, porque tem que se expressar, enfrentar obstáculos, enfrentar a sociedade, enfrentar o machismo, porque pra [sic.] jogar bola tem que ter isso” (OLIVEIRA, 2014). De acordo com os depoimentos das ex-jogadoras, o futebol fazia com que as mulheres aprendessem a assumir uma postura mais autoritária, considerando que elas tinham que assumir o comando dentro de campo, tomar decisões importantes, lidar com os obstáculos e ainda enfrentar o machismo e reprovação do esporte praticado por mulheres pela sociedade.

Essas situações diárias vivenciadas no futebol faziam com que essas mulheres se sentissem mais autônomas para tomar decisões relativas à sua vida pessoal. Desta forma, aos poucos as jogadoras de futebol de Picos foram conquistando uma maior autonomia dentro de suas casas, passando a decidir o que melhor se adequava a sua vida podendo tomar suas próprias decisões. Não significa dizer que essas mulheres se tornaram independentes a partir do momento em que ingressaram no futebol. Antes, deve-se levar em conta que esta relação construída com o esporte fez com que elas passassem a perceber que a mulher era capaz de enfrentar qualquer situação, sem necessariamente recorrer a ajudar de um homem. E isto fez com que elas passassem a impor mais suas opiniões, o que resultou numa emancipação social à medida que a mulher “deixou” de ser submissa e passa assumir uma postura mais atuante na sociedade.

A memória das quatro ex-jogadoras de futebol nos deu a base para o estudo de um grupo de mulheres que, mesmo sem perceber na época, deram início a um processo de transformação na sociedade em que viviam. A memória faz com que esses indivíduos se tornem sujeitos históricos pelas transformações que promoveram em seu meio social. Delgado (2006) sugere que “os sujeitos construtores da História são, enfim, todos que anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem, no cotidiano de seus países e também na história da humanidade” (DELGADO, 2006, p. 56). Além disso, a autora ainda aponta que:

[...] o maior desafio da história oral, tomando como empréstimo a interpretação de Benjamin (1994) sobre a memória, é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em atualização ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de

escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado (DELGADO, 2006, p. 31).

Desta forma, a História Oral contribui para que memórias como essas ajudem a construir uma versão da história de mulheres que, mesmo anonimamente, marcaram algumas transformações em sua sociedade. Pode-se pontuar que essa mudança de comportamento feminino se iniciou a partir da inserção da mulher picoense no esporte futebol, o que lhe propiciou novas experiências de vida e a abertura de novos caminhos que poderiam ser percorridos também pelas mulheres. A prática do futebol pelas mulheres, em Picos nos anos 1980, representou uma quebra de barreiras, sobretudo, em relação aos ideais impostos tradicionalmente para o gênero feminino.

Nesta perspectiva, entende-se que a inserção das mulheres no esporte futebol, fez com que elas começassem construir uma nova identidade feminina. Esta nova identidade ia se solidificando na medida em que as mulheres que faziam parte das equipes de futebol submergiam os espaços que, até então, não eram entendidos como femininos, e a partir daí assumindo papéis mais atuantes no espaço público. Esse grupo de mulheres, cada vez mais, se distanciava dos demais, em especial, quando elas trocavam o espaço doméstico pelos campos de futebol. A entrada das mulheres em campo como jogadoras de futebol, em Picos dos anos 1980, contribuiu para a sua emancipação social e a construção de uma nova identidade feminina que se distanciava cada vez mais da figura submissa ao homem e assumia uma posição mais destacada no meio social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Sônia Maria de Freitas (2006), a memória coletiva pode ser entendida como “um somatório de experiências individuais possíveis de serem utilizadas como fontes históricas”. Nesta monografia, portanto, a memória foi considerada como um testemunho do passado, sendo importante para a (re)construção da história, inclusive dos sujeitos sociais que durante muito tempo ficaram à margem desse processo. Através dos fragmentos de memória das ex-jogadoras de futebol de Picos reconstruiu-se parte da história de um grupo de mulheres que, durante a década de 1980, contribuíram significativamente para o surgimento de equipes femininas de futebol na cidade e para seu reconhecimento enquanto uma modalidade de esporte profissional. Ao tempo em que as mulheres entravam nos campos de futebol como jogadoras profissionais, elas rompiam com vários tabus socioculturalmente pré-estabelecidos e firmavam sua participação também num espaço público reconhecido como próprio para homens. Com isso, uma “nova identidade” feminina foi construída à medida que as jogadoras de futebol, de Picos, se distanciavam dos padrões estabelecidos para o gênero feminino na época em estudo.

As informações contidas nas entrevistas realizadas as ex-jogadoras Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, Rita de Cassia de Jesus Monteiro, Rosangela Santiago Almeida e Sebastiana Luzia de Oliveira, que fizeram parte da equipe feminina do *Sport Club Internacional*, fundado em Picos em 1982, foram elucidativas para compreender como o futebol fez parte da vida de muitas mulheres e lhes proporcionou novas vivências no espaço público. Logo, nas entrevistas, as ex-jogadoras afirmam categoricamente que por meio da prática do futebol, elas puderam usufruir de novas experiências e passaram a explorar espaços que, até então, estavam restritos ao masculino. A entrada dessas mulheres picoenses aos campos de futebol representou, para a maioria delas, quebras de barreiras impostas pela sociedade para este gênero, sobretudo, por estarem adentrando em um ambiente que foi culturalmente construído como um *lugar* exclusivamente masculino.

Pelas relações vividas através do futebol, parte das mulheres questionaram alguns dos conceitos impostos a seu gênero e passaram a compreender que as distinções entre o feminino e masculino nada mais era do que uma barreira

tradicionalmente construída, servindo apenas para afirmar a superioridade de um gênero sobre o outro. Entretanto, é verdade que nem todas as jogadoras de futebol foram capazes de seguir a carreira profissional no futebol, seja pelo impedimento da família, ou um de seus membros, do marido ou do namorado que as faziam desistirem da prática esportiva; seja pela decisão delas de abandonar o futebol para vivenciar apenas o casamento e as atividades do lar, como foi exposto na monografia.

As relações desenvolvidas pelo futebol serviram de base para que essas mulheres passassem a assumir uma posição mais atuante na sociedade, o que lhes proporcionou certa ascensão social e a ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional. Assim, pode-se compreender que, nos anos 1980, apesar de as mulheres ocuparem cada vez mais lugar no espaço público através do seu ingresso em emprego público, no ensino superior¹¹, em cargos políticos, no futebol etc.; ainda, assim, havia mulheres que optavam preferencialmente pelo desempenho dos papéis tradicionais. Assim como, havia mulheres que, na segunda metade do século XX, objetivavam uma conciliação entre os papéis tradicionais e profissionais.

Ciente que todo trabalho acadêmico deixa lacunas em torno do objeto de estudo investigado, esta monografia não é diferente, assim como não era objetivamente este o intuito da pesquisadora quando decidiu estudar sobre o futebol feminino, em Picos, nos anos 1980. A produção dessa monografia teve por interesse dar uma visibilidade a história do futebol no Piauí, especificamente, aquele praticado pelas mulheres picoenses do *Sport Club Internacional*. Sendo assim, através dos fragmentos de memória das ex-jogadoras Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, Rita de Cassia de Jesus Monteiro, Rosângela Santiago Almeida e Sebastiana Luzia de Oliveira que ingressaram no futebol feminino de Picos, foi possível analisar as relações de gênero e as condições históricas que tornaram possíveis o ingresso das mulheres picoenses nesta modalidade esportiva que, na década de 1980, foi oficialmente reconhecida como uma atividade esportiva profissional para as mulheres.

A par disso, analisou-se também o papel social da mulher, colocando em discussão o que se entendia na década de 1980, em Picos (PI), como papel feminino e como este grupo de mulheres conseguiu se distanciar do que era estabelecido como

¹¹ Sobre o ingresso das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho, ver: CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e singulares:** história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

ideal feminino. Contudo, apesar desta monografia contribuir, de alguma forma, para a história do futebol feminino, em Picos, ainda é necessário o desenvolvimento de outras pesquisas sobre a temática proposta, quer pelos historiadores, quer pelos cientistas sociais, quer pelos estudiosos do curso de Educação Física etc. Logo, as possibilidades de pesquisas sobre o futebol feminino no Brasil e no mundo são muitas e devem ser ampliados a partir de estudos interdisciplinares. Nesta ocasião, o tema foi abordado levando em consideração apenas as relações de gênero, a história das mulheres, o cotidiano, o lazer e as sociabilidades que envolvem a prática deste esporte na vida das ex-jogadoras de futebol de Picos, deixando, em aberto, as possibilidades de outras pesquisas acadêmicas que ampliem a discussão aqui estabelecida.

REFERÊNCIAS

Livros:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças dos velhos. – 3. Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. **Múltiplas e singulares:** história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930 – 1970). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Renato. Picos: os verdes anos cinquenta. 2. ed. rev. Ampl. Recife: Gráfica Ed. Nordeste, 1995.

FREITAS, Maria de. **História Oral:** Possibilidades e Procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e esporte:** masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

SIMÕES, Carlos Antônio; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte.** São Paulo: Alehp, 2004.

VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes A.; et. al. (Org.). **Lápis, agulhas e amores:** história de mulheres na contemporaneidade. Fortaleza: UFC, 2010.

Capítulos de Livros:

RODRIGUES, Carla Daniela Alves; FERRO Maria do Amparo Borges. **(Re) Definindo papéis:** o discurso do lar como o destino natural da mulher. In: VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes A.; et. al. (Org.). Lápis, agulhas e amores: história de mulheres na contemporaneidade. Fortaleza: UFC, 2010.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres.** In: Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PERROT, Michelle. **As mulheres, o poder, a história.** In: Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. PERROT, Michelle. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORE, Mary Del. **História do cotidiano e da vida privada.** In: Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. **História Das Mentalidades E História Cultural.** In: Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história:** entre a invisibilidade e o protagonismo no discurso histórico. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; NETO, Paulo Bugart (orgs). **Estudos culturais e contemporaneidade:** literatura, história e memória. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 135-160.

Artigos:

ARAÚJO, Karina de Toledo. **Processos de construção identitária, gênero e sexualidade de jovens alunas do ensino médio que vivenciam a prática do futebol.** Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT%206%20-%20Artigo_Completo_Karina%20Toledo%5B1%5D.pdf . Acesso em: jun. 2014.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Campinas, SP: Papyrus. 1991.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais.** Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

CHAVES, Alex Sandro. **O futebol feminino:** uma história de luta pelo reconhecimento social. São Paulo, v.12, n.111, 2007.

CUNHA, Nina Nunes Rodrigues. MAGALHÃES, Tabata Michelle Santos. SAID, Gustavo Fortes. **Década de 70:** Rádio Pioneira e o Auge do Radiojornalismo Esportivo no Piauí. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Luís, 2010.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol:** um estudo a partir de memória de mulheres. São Leopoldo, RS, 2010.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 25, nº 50, dez. 2005. P. 315-328. Disponível em: <http://www.scielo.br/rbh>. Acesso em: 01 de dezembro, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil:** entre incentivos e interdições elas fazem história. São Paulo, v.8, n1, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sombras e visibilidades. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

MIRAGAYA, Ana. **As mulheres nos jogos olímpicos:** participação e inclusão social. Disponível em: http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/as_mulheres_jogos_olimpicos.pdf.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; CUNHA, Ana Maria da. **Garotas no futebol:** trajetórias de gênero e sexualidade. São Paulo, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200- 212.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 03-15.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. **Uma história do futebol feminino brasileiro:** superando preconceitos. *EFDportes*, Buenos Aires, v. 16, n.163, 2011. Disponível em: <http://www.efdesportes.com>. Acesso em: 25 de novembro, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

BATISTA, Renata Silva. DEVIDE, Fabiano Pries. **Mulheres, futebol e gênero:** reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. Buenos Aires, vol. 14, n. 137, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd137/mulheres-futebol-e-genero.htm>. Acesso em:

Monografias:

BEZERRA, Layrton Borges. **SOB O SIGNO DA ILUSÃO:** as várias formas de representação do Cine Spark na Cidade de Picos-PI, de 1964 a 1984. 2013. 89p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

LUZ, Aylla Mara caminha. **Cine Spark:** memória, laser e sociabilidade em Picos-PI nas décadas de 1960 à 1970. 2012. 87p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

MOURA, Michele Ribeiro de. **A participação e atuação da mulher na sociedade e política do século XX:** um ensaio biográfico de Olivia Rufino Picos Piauí (1934 à 2000). 2012. 131p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

MENDES, José Paulo. **Urubus X SEP (sociedade esportiva de picos):** As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. 2014. 65p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A geografia dos desejos:** cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. 2011. 80p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

SOUSA, Luzifrank Júnior. **A história entra em campo:** História da Sociedade Esportiva de Picos – SEP. 2011. 78p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

SOUSA, Milena Araújo Carvalho. **Do Clássico ao Hippie:** moda, comportamento, estética e vestuário na cidade de Picos na década de 1970. 2012. 93p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

Dissertação de Mestrado:

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física/Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 2003.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A Amélia multifacetada:** as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

Tese de Doutorado:

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro.** Tese (Doutorado em Psicologia Social do Trabalho) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Portais:

Samel da início a copa batom. Disponível em: <http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Semel-da-inicio-a-Copa-Batom-2015/6126>. Acesso em: 02 maio 2014. Acesso em: 10 abril, 2015.

Campeonato piauiense de futebol. Disponível em: <http://river40graus.blogspot.com.br/2011/02/i-campeonato-piauiense-de-futebol.html>. Acesso em: 10 abril, 2015.

Placar, Ed. setembro, 1981. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=x1EQ4j97P_AC&hl=ptBR&source=gbs_all_iss ues_r&cad=1.

Placar, Ed. Outubro, 1984. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=3VxTL4P3bV4C&hl=ptBR&source=gbs_all_iss ues_r&cad=1

Fontes Orais:

ALMEIDA, Rosangela Santiago. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014

MONTEIRO, Rita de Cassia de Jesus. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014

OLIVEIRA, Sebastiana Luzia de. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014.

RIBEIRO, Adalicia Luzia de Oliveira. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **Maria Gleyciane Barbosa de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS EX-JOGADORAS DE FUTEBOL DE PICOS: Lazer, esporte e sociabilidade das mulheres picoenses nos anos 1980**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 09 de março de 2018.

Assinatura